

O discurso filosófico da Era Atômica

Paulo Arantes

O discurso filosófico da Era Atômica

2025

A coleção **Sentimento da Dialética** é copyleft.

A coleção é organizada em **sete categorias e três subcoleções**, com diferentes tipologias documentais e formatos de arquivos:

Categorias: Filosofia; Política; Estética; Arquitetura e Cidades; Artes Plásticas; Crítica da Cultura e Trajetórias. Cada categoria adota uma cor específica aplicada na capa do e-book.

Subcoleções:

E-books: livros, capítulos, prefácios, artigos e entrevistas (em formatos PDF, EPUB e MOBI/Kindle) – com obras em português, inglês, espanhol, italiano e francês.

Documentos: matérias de jornal, fotos e documentos históricos (em formatos PDF e JPEG)

Mídia: vídeos ou áudios de palestras, aulas e debates (em formatos MP3 e MP4) associados a um canal da coleção no YouTube.

Coordenação editorial: Pedro Fiori Arantes

Projeto Gráfico: Paula Astiz

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Arantes, Paulo Eduardo, 1942-

O discurso filosófico da Era Atômica [recurso eletrônico] / Paulo Eduardo Arantes. -- São Paulo : [s.n], 2026.

ePUB. – (Coleção sentimento da dialética / coordenação Pedro Fiori Arantes)

ISBN 978-65-02-06307-1

1. Filosofia - Brasil. 2. Civilização moderna – Filosofia. I. Título. II. Série.

CDD 199.81

Elaborado por Cristiane de Melo Shirayama – CRB 8/7610

DOI: <https://doi.org/10.34024/9786502063071>



Esta obra tem licença Creative Commons internacional 4.0
<http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

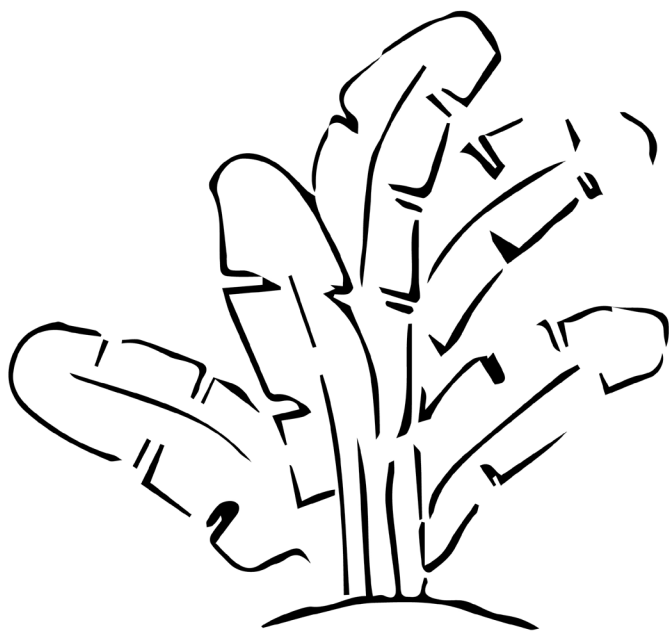
Publicado originalmente como:

Posfácio ao livro de Günther Anders, *Hiroshima está em toda parte*, São Paulo: ed. Elefante, 2025.

A Introdução é inédita.

Sentimento da Dialética

UM ENCONTRO COM A OBRA DE OTÍLIA E PAULO ARANTES





Tarsila do Amaral. *Paisagem antropofágica - I*, 1929 c – lápis s/ papel, 18,0 x 22,9 cm. Coleção Mário de Andrade. Coleção de Artes Visuais do Instituto de Estudos Brasileiros USP. Reprodução gentilmente cedida pela família e IEB USP.

O novo tempo do mundo exige dos intelectuais responsabilidades que lhes são intrínsecas: a de tornar a força das ideias parte do movimento de entendimento e transformação do mundo. Os filósofos Otilia Beatriz Fiori Arantes e Paulo Eduardo Arantes cumprem, juntos, há mais de 50 anos, a tarefa da crítica como intelectuais públicos atuantes, transitando entre diversas áreas das humanidades e da cultura, em diferentes audiências e espaços de formação. A coleção [Sentimento da Dialética](#) é um lugar de encontro com a obra de Otilia e Paulo Arantes e reafirma o sentido coletivo da sua produção intelectual, reunida e editada em livros digitais gratuitos. É um encontro da sua obra com um público cada vez mais amplo, plural e popular, formado por estudantes e novos intelectuais e ativistas brasileiros. É também um encontro da sua obra com o movimento contemporâneo em defesa do conhecimento livre e desmercantilizado, na produção do comum e de um outro mundo possível.

SUMÁRIO

- 11 **INTRODUÇÃO: UMA ÉPOCA PARA ACABAR
COM TODAS AS ÉPOCAS**
- 33 **UMA BOMBA É UMA BOMBA, É UMA BOMBA***
- 65 **Bibliografia**

INTRODUÇÃO:

UMA ÉPOCA PARA ACABAR COM TODAS AS ÉPOCAS

Em que tempos vivemos? Com uma catástrofe emendando na outra, a pergunta beira a inocência. Ou a provocação. De fato é um convite a mais um desses famigerados “diagnósticos de época” que se multiplicam conforme os sobressaltos de uma conjuntura cada vez mais opaca quanto mais espessa a fumaça do grande incêndio que se avizinha. Essa a derrapagem de quem se arrisca numa resposta direta – e é o nosso caso – a uma pergunta tão traiçoeira assim, no fundo uma armadilha para um certo senso comum da crítica contemporânea, mais exatamente, o senso comum que se tornou o que se restou da Crítica, outrora gêmea da Crise que inaugurara os tempos modernos na forma de um tribunal para cortar os nós górdios da história, como se usava dizer com a eloquência que as revoluções exigiam, da Francesa à Russa.

A pergunta corta-fogo à qual estou oferecendo em sacrifício meu feixe de lugares comuns, foi formulada por Jacques Rancière, e por ele mesmo respondida, pela primeira vez num *exposé* de 2011, antes de virar ensaio e depois um livro-conversa¹. Uma primeira amostra por

1. Tradução brasileira de Donaldson Garschagen, “Em que tempo vivemos?”, publicada na revista *Serrote* n. 16, 2014, Instituto Moreira Salles. Com o mesmo título, *En quel temps vivons-nous?*, Rancière publicou sua longa conversa¹ com Eric Hazan, nas edições La Fabrique, Paris, 2017.

extenso, para melhor localizar o redemoinho. “Quem perguntar o que mudou em nosso mundo desde a turbulenta década de 1960 ouvirá uma resposta pronta condensada numa só palavra: ‘Fim’. O que dizem que vivemos foi o fim de certo período histórico: não apenas a divisão do mundo entre um bloco capitalista e um bloco comunista, mas também uma visão de um mundo que girava em torno da luta de classe e, mais amplamente, de uma visão política como prática de conflito e horizonte de emancipação; não apenas um grande número de esperanças ou ilusões revolucionárias, mas utopias e ideologias em geral”. Vinte anos antes, a primeira sentença de um outro livro sobre esse mesmo colapso abria com o mesmo juízo: “Nunca houve tanto fim”. Foram as primeiras palavras do livro audacioso de Robert Kurz. Para o qual igualmente, com o naufrágio do socialismo real, “toda uma época desaparece e vira história”. As aspas aqui são do autor alemão, emoldurando a mesma problemática facilitadora da palavra “época”, no caso, pelo menos preciso, e nisto não difere do colega francês, “a constelação familiar da sociedade mundial da época do pós-guerra”. Como também convergem no diagnóstico segundo o qual chegamos ao “fim de uma era”. Resta saber que Era foi essa, pergunta-se Kurz.² Sua resposta, como sabemos, tem a ver com o teto desabando na casa dos vencedores, a ruína do mundo soviético foi antes de tudo o aviso de que o próprio princípio da exploração econômica abstrata do trabalho havia batido no seu limite lógico absoluto, e dos vários paradoxos dessa colossal ruptura de época (!) não é dos menores o fato de que tenha sido a periferia do sistema o primeiro mundo

2. Robert Kurz, *O colapso da modernização. Da derrocada do capitalismo de caserna à crise da economia moderna*. (São Paulo, Paz e Terra, trad. Karen Barbosa, 1992).

a cair, com o perdão do trocadilho involuntário. Embora sequer tenha notícia de tamanho disparate, assim como descarta o palavrório pós-moderno acerca das grandes narrativas, seguido do concomitante eclipse da História, com maiúscula e tudo, enquanto tempo de uma promessa a completar, Rancière também quer saber antes de tudo que era foi essa que virou história, numa palavra “o que mesmo chegou ao fim?” E mais, logicamente referido como um tempo “pós”, que tempo é esse em que vivemos e que só pode ser um tempo que vem após o fim? Aqui o Xis, o alçapão que se abre a todo aquele que não só não resiste à tentação da resposta direta, além do mais específica no limite do absurdo, como é o nosso caso, ao responder, por enquanto sem maiores considerandos, *que ainda vivemos na Era Atômica*, e que além do mais, não podendo ser desinventado o dispositivo que a inaugurou, *o ainda quer dizer para sempre*. Se pudéssemos num par de frases reduzir ao mínimo o “diagnóstico de época” (ainda ele) fechado por Günther Anders já na primeira metade dos anos 1950³, a resposta à pergunta sobre o tempo em que vivemos soara mais ou menos assim: vivemos sim na Era Atômica. E o que foi mesmo que chegou ao fim? O Futuro: assim como Galileu declarou a certa altura de sua vida reencenada por Brecht que na data de 10 de janeiro de 1610 o Céu foi abolido, em 6 de agosto de 1945, o futuro também foi abolido. E por último, que época foi essa tão poderosamente destrutiva que fez tudo o mais virar história: uma época, por assim dizer, de vanguarda, uma época que veio

3. Em tempo. Não sou especialista. Para ficar na prata da casa, ver o doutorado de Felipe Catalani, *O inimigo do apocalipse. Técnica, política e história em Günther Anders*, 2024, USP; e o mestrado pioneiro de Claudia Rodrigues Alencar, *Vivendo na prorrogação. O tempo do fim de Günther Anders*, PUC-RJ, 2016.

para acabar com todas as épocas, de tal sorte que simplesmente não haverá nenhuma Era “histórica” depois da Era Atômica, com a qual encerrou-se a Era em que as épocas históricas se sucediam, ela não pode passar sem se consumir consumindo o que conhecemos por mundo, que pode se acabar depois de amanhã ou “durar indefinidamente” (mas agora já sabemos que o planeta está beirando sua extinção enquanto ser vivente, acrescentando que o marco zero deste processo foi plantado e acelerado pela cadeia de explosões nucleares que nunca se interrompeu desde a madrugada de julho de 1945). E ainda que esse tempo que vem após o fim sempre foi e continuará a ser vivido como um Sursis – sendo a maiúscula por conta de sua promoção filosófica sartreana. E como logo mais se discutirá se é possível viver esse tempo do fim, viver numa época que não é mais uma época que se atravessa para passar adiante, daria para adiantar que pelo menos esse tempo depois do fim da vida (basta pensar na normalidade cotidiana que prosseguia regularmente nos campos da morte) pode ser tanto pensado, como agora dá a entender a citação de Sartre, ou mais explicitamente toda a obra de um Adorno depois das *Minima Moralia*, quanto sobretudo artisticamente imaginado em profundidade, bastando ter em mente o *Fim de partida* de Samuel Beckett, uma vez livrado da tralha existencial-metafísica. Seria bom assinalar de saída que para imaginar esteticamente a vida, ou a não-vida, com a Bomba, não é preciso exibir o espetáculo do cogumelo, de resto o sublime mais próximo do kitsch, basta imaginar as mil formas de vivê-la entre quatro paredes. Basta apenas mencionar a última das respostas abreviadas de Günther Anders à pergunta em que tempos vivemos. Não vivemos mais numa época como os romanos viviam sua *pax sanguinária* à espera dos bárbaros na fronteira de um

novo tempo, mas, como sabem todos os seus leitores, num prazo, mas um prazo peculiar, tão próximo do fim quanto sem fim.

Retornemos a Rancière, a esta altura sufocando de impaciência pouco filosófica em meio a essa “grande nuvem negra” de calamidades que beiram a catástrofe e, para piorar, com a ressalva de que não se trata de uma catástrofe a mais a se superpor às anteriores e às que nos esperam lá na frente, mas de uma ruptura tão inaudita que “incendiou a chama da eternidade”, uma verdadeira *catástrofe do tempo*, como Svetlana Aleksievitch descreveu o desastre nuclear de Tchernóbil, que no espaço de uma noite nos jogou para “outro lugar da história”.⁴ Assim como Günther Anders afirmava que passamos a viver num Prazo e não mais numa Época, Svetlana descobriu que ao se romper o fio do tempo naquela noite de 26 de abril de 1986, passamos a viver numa Zona. E como Hiroshima está por toda parte, a Zona também: a princípio um mundo à parte, um outro mundo em meio ao restante da Terra, Tchernóbil anunciava *uma vida depois de tudo*: “objetos sem o homem, paisagens sem o homem. Estradas para lugar nenhum, cabos para parte alguma. Você pergunta o que é isso...?” Conhecemos a resposta de Beckett, é o fim da partida. Prazo e Zona. Se lhe perguntássemos acerca dos vasos comunicantes entre um e outro, Svetlana responderia que a concepção de Günther Anders decorre de uma situação de guerra, e guerra atômica, enquanto a “sua” catástrofe aconteceu num centro atômico não militar. Além do mais, acontece que a aparição da Zona – e se trata mesmo de uma assombração de tipo novo – também revelou uma dimen-

4. Svetlana Aleksievitch, *Vozes de Tchernóbil: a história oral do desastre nuclear* (São Paulo, Companhia das Letras, 2016, trad. Sônia Branco, p. 36).

são essencial de sua condição de bielorrussa soviética. O *Homo Sovieticus* passou a vida lutando e de prontidão para a próxima guerra, relembra Svetlana, a começar, ou sobretudo, para uma situação de guerra nuclear como a de Hiroshima, pois num certo sentido sempre nos preparamos para ela. Mas a catástrofe aconteceu numa central nuclear não militar. Para aquela variante utópica do *Homo Sapiens*, só o átomo de Hiroshima era militar. Podemos então imaginar quão poderosa deveria ser a contraparte soviética da mesmíssima utopia atômica do mundo capitalista, pelo tamanho da perplexidade ante a singela revelação de que o átomo de Tchernóbil era irmão gêmeo daquele cuja desintegração pulverizara Hiroshima e Nagasaki. Diante do Acidente, os refugiados da Zona se puseram a filosofar. Como assim, que refugiados, de que guerra? Malgrado o cenário de guerra que se montou ato contínuo, a Zona era tudo menos uma zona de guerra. “Na zona e ao redor da zona, a enorme quantidade de equipamentos militares era assombrosa. Soldados em formação marchando com suas armas novinhas em folha. Com todos os assessórios de combate etc.”. Pois essa cultura de guerra entranhada no século soviético ruiu num piscar de olhos. “A imagem do inimigo se transformou. Surgiu diante de nós um outro inimigo...”. “Pessoas armadas na zona. Em quem eles poderiam atirar ali?” Ao desabar um antigo cenário de guerra (estamos na segunda metade dos anos 1980, a guerra do Golfo ainda não mostrara a que viera a Revolução nos Assuntos Militares, e era só um começo), “ingressávamos naquela hora num mundo opaco”, conclui Svetlana, “nele o mal não dá explicações, não se revela e não conhece leis”. Que depois passa a descrever o comportamento dos bombeiros recrutados na urgência da primeira noite do incêndio: parecia um suicídio, um suicí-

dio coletivo. Vítimas das ideias e da educação soviética? Aqui o xis da virada. Nosso Virgílio nessa descida ao inferno da dupla explosão, a social (submergiu o gigantesco continente socialista) e a cósmica (Tchernóbil), testemunhou a conversão do homem pré-Tchernóbil no homem de Tchernóbil, e viu que o mundo daqueles homens queimados pela radiação já era um outro mundo, eles não pareciam regressar de uma guerra, mas de um outro planeta. Daí a sensação de que está se experimentando um tempo inteiramente outro quando se ouve os relatos daqueles retornados do incêndio, fragmentos das narrativas entrecortadas pela recorrência de expressões como “primeira vez”, “nunca mais”, “para sempre”. Na esteira dessa marcação e dessas formulações insólitas, tais relatos voltam a anunciar essa virada que estamos procurando identificar no coração do que alguns autores começarão a chamar de *temporalidade nuclear*: “Para aqueles que lá estiveram, Tchernóbil não terminava em Tchernóbil.” Querendo com isto dizer, com uma certa dose de enigma a ser decifrado por nossa conta, que “lá” “o tempo mordeu o próprio rabo, o início e o fim se tocaram”. O que torna ainda mais desnorteante o subtítulo sarcástico de um livro cuja massa-coral fala justamente de mais um desses fins de que estamos falando, o supremo, exatamente: nada menos do que uma “crônica do futuro”. Esse o tempo próprio da Zona, no qual se defronta uma prática nova, que Svetlana percebe na maneira pela qual aqueles bombeiros, se ainda cabe a expressão, convertiam os seus sofrimentos em novo conhecimento. Assim se explica em parte o recado do subtítulo: “Hoje cada bielorrusso é uma espécie de caixa-preta viva, registra as informações para o futuro”. Mas não basta dizer que o futuro já não é mais o mesmo. Disso se sabe muito bem no país de Tchekov: “Agora

já não podemos mais crer como os heróis de Tchékov que dentro de cem anos o ser humano será maravilhoso, que a vida será maravilhosa! Esse futuro nós já perdemos”. Esse futuro do qual se promete a crônica é o futuro do tempo inteiramente outro que se abriu com a Zona, é o da “vida que vem depois de tudo”. Na Zona (que outros Fukushimas replicarão), a época que veio para acabar com todas as épocas conta outra história, cuja compreensão depende de uma dissociação crucial entre guerra e catástrofe. De repente a guerra deixou de ser a medida do horror. Até então, “tudo o que conhecíamos sobre o horror e o medo tem mais a ver com a guerra... por isso as pessoas confundem os conceitos de guerra e catástrofe”. Não mais. Como em Tchernóbil estão presentes todos os sinais da guerra, fica enevoada a percepção de que nos encontramos diante de uma história nova, isso mesmo, história depois do fim do futuro. Se em 6 de agosto de 1945 foi abolida a sucessão histórica das épocas, como quer Günther Anders, no dia 26 de abril de 1986, “teve início a história das catástrofes”, como quer Svetlana Aleksíévitch, que aliás no livro seguinte, contará a seu modo – ouvindo vozes – o primeiro capítulo dessa nova história, o fim do homem soviético, cuja vida no entanto, enquanto durou, não deixou de ser uma catástrofe só, tão peculiar que tem sido por isso até objeto de nostalgia.

De fato, nunca houve tanto fim. No que Rancière – para retomar nosso fio – até que está de acordo. O que parece mesmo exasperá-lo é o inchaço retórico da palavra-chave catástrofe, cujo nascedouro aliás acabamos de sobrevoar. Na direção oposta, espero, e nisto fazendo um breve trecho do caminho na companhia do filósofo. Inflação que abomina por reconhecer nela mais um avatar das fabulações heideggerianas acerca da reviravolta

metafísica ancestral na origem de todos os desastrosos “esquecimentos contemporâneos”. Não seja por isso: no ainda meramente alusivo Discurso Filosófico da Era Atômica, por certo nos espera um capítulo obrigatório sobre Heidegger, a quem se costuma atribuir o batismo em alto estilo filosófico da época em que passamos a viver sob o domínio de um artefato baseado na apropriação técnica das coisas – conforme de lê no sacralizado discurso festivo de Meßkirch, *Serenidade*, de 1955. Há controvérsias, mas tampouco ninguém está interessado em questões de precedência. Seja dito em favor da crispação de Rancière, que no momento de seu desabafo fervia a *boullie* filosófica francesa. Penso que “geleia geral” seria a melhor tradução para o tipo de sopa espessa (um mingau?) a que se refere o original francês quando empregado no bate-boca político corrente para designar os *passé-partout* conceituais desses momentos em que proliferam os juízos finais sobre o estado das coisas. Nessas horas é que o jargão pós-heideggeriano da “grande catástrofe” segundo Rancière reencontra sua nova vida, em particular na definição do “sentimento de horror global” contrapondo-lhe então os antídotos redentores igualmente absolutos, como “a enéssima crítica do humanismo, do antropocentrismo, do cartesianismo etc.”, sem esquecer da vingança de Gaia.⁵ Duas amostras, uma em cada extremidade do espectro político. Como que feito de encomenda para ilustrar a geleia geral inventariada por Rancière, o mais abrangente justamente na “equivalência das catástrofes”, *Après Fukushima*, de Jean-Luc Nancy⁶, na lista-padrão que de Auschwitz chega a Fukushima, resplandece a mutação de toda uma civili-

5. Jacques Rancière, *En quel temps vivons-nous?*, cit., p. 37-8.

6. Paris, Galilée, 2012.

zação que marca o começo de “uma racionalidade técnica ao serviço de fins incomensuráveis com todo o fim” etc. Para atenuar o risco de injustiça e paródia, remeto à resenha de Franca Maccioni, no n. 7 da revista *Constelaciones* de dezembro de 2015, na direção contrária às sóbrias reflexões de Annie Le Brun, igualmente despertadas pelos desastres de Tchernóbil e Fukushima – a seu ver, tão emblemáticas de nossa época quanto foi o terremoto de Lisboa de 1755 quando se interroga a neutralização imposta a tais acontecimentos por uma espécie de “indiferença ao pior”, anestesia que em poucas décadas teria reduzido a gravidade espetacular dos desastres a uma escala administrativa de avaliação de riscos administráveis, miopia geral indutora em suma de uma nova etapa de submissão à ordem das coisas. O palavrório a respeito de Fukushima, enaltecendo a “dignidade de um povo aguerrido ante toda espécie de cataclismo”, até o infame “pendor para a fatalidade” chamou-lhe de vez a atenção para o fato de que a onda catastrofista parecia dizer exatamente o contrário do que pregava, segundo a argumentação de René Rissel e Jaime Semprun, gradação colorida dos alarmes para melhor gerir os desastres.⁷ Esse o núcleo do discurso apocalíptico do fim. Aliás, nada mais integrado segundo a igualmente indignada filósofa espanhola Marina Garcés, para quem essa fascinação pelo apocalipse que domina a cena política, além de reacionária⁸ tornou-se o revestimento glamouroso da nova ideologia dominante de uma

7. Ver Annie Le Brun, *O sentimento da catástrofe: entre o real e o imaginário* (trad. Fábio Ferreira de Almeida, São Paulo, Iluminuras, 2016). Para a mudança positivadora do sentimento catastrófico do mundo, Rissel e Semprun, *Catostrophisme, administration du désastre et soumission durable* (Paris, Éditions de L’Encyclopédie de Nuisances, 2018).

8. Sim, ainda existe, se multiplica e transforma essa relíquia dos últimos combates do finado progressismo.

época (outra vez) que nossa teórica chamou de “condição póstuma” (outro diagnóstico de época? De fato, uma praga), um tempo do tudo se acaba, inclusive o próprio tempo.⁹ Nessa condição póstuma, até o sentido do depois mudou, tornou-se um depois sem depois; nosso presente é o tempo que resta (desnecessário identificar o alvo), cada dia, um dia a menos. E por aí vamos. Nada escapa ao sarcasmo por saturação, nem mesmo a “catástrofe do tempo”, segundo as vozes de Tchernóbil, “uma morte que não cessa, uma condenação que não chegará ao fim dos tempos, mas se converte em temporalidade”.¹⁰

Pausa para retomarmos nossa questão de método, que em má hora atrelei à resposta direta – e no gênero infeliz do tão barateado “diagnóstico de época” – à pergunta pelo tempo em que vivemos: a Era Atômica, assim sem mais considerandos, *sans phrase*. Ou melhor, virtualmente, desde a coletânea *The Atomic Age Opens* (o primeiro livro sobre o tema, publicado em agosto de 1945), uma enorme feira sobre esse lugar comum vazio, o “nosso tempo”. A cegueira da qual partimos nasceu aqui. Falar da Era Atômica seria assim uma construção entre outras do discurso sem escapatória à vista no modo “o tempo em que vivemos”. Para Rancière, do qual tão cedo não nos livraremos, justamente o ponto cego de todos esses discursos do fim acerca do “nosso tempo”, pouco importa quão radical seja a crítica, reside na pressuposição de uma “identidade imediata entre o tempo global e o tempo das pessoas”.¹¹ E assim sendo, dizer que há 76 anos vivemos num tempo

9. Marina Garcés, *Novo esclarecimento radical* (trad. Vinicius Honesko, Belo Horizonte, Âyiné, 2019).

10. Idem, p. 43.

11. Jacques Rancière, “Em que tempo vivemos?”, cit., p. 21.

que é toda uma Era sufocada pela ameaça de uma cadeia de explosões industrialmente planejadas – e tudo o mais de específico que quisermos acrescentar, a começar pela história social das armas de fogo –, se não for uma inócua *lapalissada*, é um tremendo disparate. Além do mais, redobrado, se acrescentar um pronome pessoal, se disser que “vivo”, ou pior, esperar que brote algum significado especial da descoberta pueril de que tenho a rigor a idade da Era Atômica, caso a contagem regressiva, sob cuja égide passamos todos a viver, principiar no dia 2 de dezembro de 1942, no experimento em que tudo poderia ir pelos ares no antigo ginásio de esportes da Universidade de Chicago.

Em suma, como se ainda fosse possível reprisar a *boutade* de Moacir Werneck de Castro, ao se gabar de ter exatamente a idade do breve século de Hobsbawm, quando lançou, em 1991, seu livrinho de memórias sobre a Europa de 1935 e conheceu como jovem comunista, tendo nascido na primeira ponta extrema daquela era, a grande guerra de 1914-1918: neste sentido, concluía, sou uma pessoa plenamente do século XX.¹² Quando chegar a ocasião, tentarei explicar por que não poderia igualmente exclamar sem cair no ridículo que, tendo nascido exatos quarenta dias antes do experimento-limite de Chicago e podendo a qualquer momento congelar no inverno nuclear, sou um homem cuja idade pessoal coincide plenamente com a idade do tempo nuclear do mundo. A não ser que assuma a condição infamante, como é praxe nos dias que correm, de homem branco do meu tempo, porém nos termos mais específicos em que num artigo de 1998 que rodou o planeta, “The End of The Imagination”, Arundhati Roy condenou e execrou a nova condição de potência nuclear da Índia:

12. Moacir Werneck de Castro, *Europa 1935*, Rio de Janeiro: Record, 2000.

lembrando primeiro que é pura e suprema tolice achar que as armas nucleares são mortíferas apenas quando usadas, segundo, e principalmente, que as bombas atômicas são os últimos colonizadores e que portanto são mais brancas do que qualquer outro homem branco jamais poderia ter sido, por representarem o coração mesmo da brancurra.¹³ Seria assim permitido extrapolar, de enormidade em enormidade, que lá atrás no coração das trevas de Conrad, pulsava a branquitude da Bomba a caminho. Noutro artigo comemorativo daquela intervenção de Arundhati Roy, tendo soado a hora na qual a proliferação nuclear se tornara uma evidência, podia-se ler que a proliferação nuclear no ainda então chamado Terceiro Mundo, nada mais seria do que um “tecno-colonialismo”. Colonialismo interno se pensarmos no programa nuclear brasileiro e suas Angras da vida. Demasia retórica ou não, são observações das quais se depreende que a Era Atômica sempre teve uma realidade material cotidiana que pesava como um céu de chumbo, restando definir quem era cúmplice ou alvo nesta configuração de conquista e militarização.

Hora de voltar para a nossa questão de método. Salvo engano, ela toca duas dimensões da simples suposição de que na resposta à pergunta “em que tempo vivemos” corremos por uma pista que podemos chamar de “tempo do mundo”, na acepção exata que lhe deu Braudel no terceiro volume de sua trilogia: que este é um tempo que se vive, que se trata do tempo vivido nas dimensões do mundo, agora com a especificação histórica decisiva de que este tempo é o “tempo do fim” inaugurado nas condições que se sabe e costumamos resumir chamando de Era Atômica, que por sua vez é uma época histórica insuperável e

13. Frontline, 14 de agosto de 1998.

que por isso mesmo deixou de ser histórica.¹⁴ Até aqui o paradoxo de um Günther Anders que o historiador Braudel jamais compreenderia, quer dizer, aceitaria. Para Rancière, trata-se de uma rematada impossibilidade, ou melhor, uma hipótese politicamente desastrosa pois esse tempo global que nos arrasta, além de unidimensional, é o tempo da dominação, definida pela velocidade de desenvolvimento do capital. Nesse tempo não se vive, salvo na forma da alienação e da despossessão. O curioso nisso tudo é que Braudel não diria que não, que justamente o seu tempo do mundo, que se alastra conforme se espraia a economia-mundo capitalista, tempo em que soa a hora do mundo, ao contrário das ilhas de silêncio que permanecem à margem da “história triunfante”, é por assim dizer um tempo envoltório que irradia de um topo hierárquico, o andar superior onde alta finança e alta política se encontram. Os que andam a favor dessa correnteza são aqueles que de fato vivem o seu tempo, ao contrário daqueles que o padecem. Submetidos à batida do relógio que dá as horas do mundo, como se diz, os que dizem afinal que horas são. Nada de novo está sendo dito. Podemos até antecipar um curto-circuito afirmando que este é o tempo mesmo do Projeto Manhattan, sob cujo guarda-chuva vivemos, ou não-vivemos, esse o ponto. Ao entrar em cena, o Projeto Manhattan muda tudo, a começar pela dimensão “progressista” dessa temporalidade global.

Recapitulemos o esquema de Rancière ao descrever a essência dessa construção que chamamos “o tempo em que vivemos”. Para começar, no que consiste essa temporalidade progressista, compartilhada tanto pelos arautos socialistas da necessidade histórica quanto pelos profetas

14. Fernand Braudel, *Le temps du monde*, Paris : Armand Colin, 1979.

do desastre iminente? Reside na crença comum a apocalípticos (tanto socialistas revolucionários quanto niilistas “revolucionários”, isto é, estes últimos, nas palavras de nosso filósofo, os que apostam na mágica de uma insurreiçãõ “que faz o futuro derivar da impossibilidade de qualquer futuro”) e integrados, a saber, que as pessoas têm de ser contemporâneas de seu tempo. Compartilham portanto as mesmas expectativas imperativas de uma hora eliminar “a divergência entre o tempo do processo global e o tempo do mundo vivido da pessoa”. Ocorrendo a convergência – tanto a revolucionária ou simplesmente social-liberal, quanto a integrista sistêmica do presente absoluto – o tempo do mundo estaria sendo vivido no seu próprio compasso. Para Rancière, tanto uma impossibilidade lógica como o segredo mesmo da alienação – empulhação, no mundo soviético. Não vou explorar sua tese alternativa a essa falsa identificação entre o tempo vivido e o curso do mundo, seja ele ascendente e cumulativo, ou catastrófico. Basta lembrar que ela pertence à família das “heterocronias”, mais simplesmente, a experiência de viver em diversos tempos simultâneos e que a emancipação deriva da capacidade de interromper o curso temporal do mundo, multiplicar os intervalos em que ele se quebra, em que se rompe a forma dominante da normalidade temporal. Familiar, não? Mais ainda se notarmos mais uma vez como esse tempo do mundo nos é reapresentado: unidirecional, vazio, homogêneo, linear etc. Nove fora a irrupção messiânica e a reorientação do futuro para as esperanças crepitando nas derrotas do passado como brasa dormida, o que não é pouco, as teses mesmas de Benjamin. Nada contra, desde que acertemos os ponteiros do antigo tempo messiânico benjaminiano. Ao finalmente pôr no papel suas teses sobre o Conceito de História, Benjamin

já havia contemplado durante vinte anos a cara feia do fascismo e da guerra, seja com os próprios olhos, ou emprestados de outros, como Kafka, mas nem por sombra poderia antever no desenrolar monótono, homogêneo, vazio etc. do Progresso, os desfechos cataclísmicos acumulados que conhecemos, e mais dramático ainda, que a vida continuaria depois do seu fim. O que explica em parte que sua temporalidade divergente seja agora resservida em modestas prestações intervalares. Mas voltando e concluindo: mesmo sabendo dos processos de Moscou, da guerra química de 1914-1918 replicando os massacres coloniais, mesmo sabendo da inocência perdida das forças produtivas (na esplêndida formulação de Felipe Catalani¹⁵), Benjamin não conheceu aquela duração viscosa na qual passamos a “viver” (mas viver, sem ver nem entender, diga-se de passagem, o núcleo mesmo da alienação contemporânea segundo Günther Anders, nossa cegueira para o apocalipse nuclear desde que abraçamos a causa da Bomba), o nosso conhecido e vilipendiado tempo do fim, o tempo de nossa condição póstuma, que diretamente não se pode viver mesmo, é claro, salvo indiretamente por meio da fantasia cristalizada na forma artística, de preferência. Não sendo assim uma época histórica, essa época que veio para acabar com todas as épocas não se deixa mais viver nem mesmo à maneira como outrora imaginávamos viver as épocas propriamente históricas, por exemplo e sobretudo como na “ficção” dos romances históricos no auge da modernidade em movimento. Até o incomensurável acontecimento da Bomba (*et pour cause*, sem medida comum) nem mesmo chegou a ser uma expe-

15. Felipe Catalani, “A inocência perdida das forças produtivas: o progresso das armas e as origens da ‘discrepância prometeica’ (Walter Benjamin, Günther Anders)”, *Revista Limiar*, 2022, v. 9, n. 12, p. 102-27.

riência vivida, salvo para as centenas de milhares de vítimas de duas explosões, como se desde então a realidade central da nova idade do mundo tivesse por definição seu acesso interdito.

E mesmo assim, continuamos a dizer que vivemos na Era Atômica. Porém liberados do imperativo progressista de emparelharmos com a marcha do mundo. Tampouco atrelados ao gota a gota do presentismo dominante, seja ele triunfante ou melancólico, siderado pela visão do fim que se apresenta. Sem excluir o entrelaçamento de ambas as expectativas vazias num tecido comum – como numa narrativa de Houellebecq, para dar um exemplo mais à mão, quem sabe despertado pela expressão “partículas elementares”, o que está longe de ser um argumento. Se-rei breve na evocação do esquema de Günther Anders, sua tese contraintuitiva, para dizer o mínimo, da obsolescência da história – a mais saliente entre tantas outras obsolescências em cadeia, característica do fetichismo peculiar que a Era Nuclear trouxe ao mundo, desde então visto como um alvo pelo olho mecânico das armas de aniquilação total. Falei em obsolescência – ainda sem explicitar o conceito central do discurso da Era Atômica. Repetindo: falei em obsolescência, não em fim, como em fim da história. Não que Fukuyama não conte mais – descartadas as tolices da esquerda a seu respeito, no geral objeções de senso comum, aliás o mesmo senso comum do Realismo Geopolítico predominante hoje na regressão “campista” de que padece essa mesma esquerda desde que o tal “fim da história”, que não existe, surpreendeu-a sem aviso prévio: quando o fim da história chegou ao fim, ela retornou a campo com força retórica total, porém tomada pela doença degenerativa mencionada acima. Conta sim. O tempo do fim, não sendo mais um tempo histórico, é

nele que também vive “o último homem” de Fukuyama. (Um pouco antes, um pouco depois, de Tchernóbil, não seria sem interesse sair à cata dos laços de família, sempre tempestuosos, entre esses dois fins, o fim do homem soviético e o último homem afogado no tédio de uma vitória que produziu mais ansiedade por grandes narrativas do que o prometido êxtase capitalista). Feita a ressalva, voltamos ao ponto cego, desta vez do nosso filósofo Jacques Rancière, que consiste em tomar as flutuações históricas desse envoltório superior chamado tempo do mundo – os tais regimes de historicidade, segundo François Hartog – como um receptáculo, obviamente invisível ou irrespirável, seja ele avassalador, onde o capital passou a dar as cartas, ou uma água parada deixada para trás. Embora o mote continue o mesmo de sempre, homogêneo, vazio, linear etc., o 6 de agosto de 1945 também não poupou essas distinções que nortearam os grandes sobrevoos do Anjo da História. Junto com as cinzas de Hiroshima, reduziu-as a clichê. Nosso amigo Jacques principia sua polêmica lembrando muito bem que o tempo sempre atuou como um princípio de impossibilidade, o tempo não espera, como se diz, sua lei é a impaciência – mesmo quando se diz termos todo o tempo do mundo, a história corre a nosso favor etc., o princípio é o mesmo, o de uma forma condicionante. Há quase oitenta anos, não é mais assim, de condicionante o tempo tornou-se uma forma condicionada: esse o recado da Bomba, decifrado por Günther Anders. Não é pouca coisa, a rigor uma enormidade, afirmar que desde então o tempo deixou de ser uma carapaça “indiferente ao seu conteúdo, no interior da qual nós poderíamos desenvolver tal ou qual ação, sem com isso, por assim dizer, tirá-lo do seu sossego; um espaço vazio [ei-lo de volta!] no interior do qual não importa qual acontecimento

pode ocorrer sem que ele seja afetado. Terminou.”¹⁶ *Terminou porque simplesmente não existe mais tempo.* A Bomba exterminou-o. Assim como virou de ponta cabeça as relações entre Guerra e Paz. A arma absoluta não deixou mais nada no lugar. Nos tempos de Stendhal e Tolstói, quer dizer, da representação literária das guerras napoleônicas, por exemplo, a alternância pontual de uma e outra abriam ou fechavam períodos, destinos pessoais e o tempo do mundo se cruzavam, fossem os tempos de guerra ou de paz, tornando o romance histórico possível, a forma por excelência da pergunta em que tempo vivemos e sua correspondente resposta direta, é claro que ao fim e ao cabo de um sem-número de mediações. A guerra nuclear não tem paz¹⁷, e a ser assim, outra reviravolta de Günther Anders, paz e tempo passam a ser uma só e mesma coisa na medida em que a paz depois de Hiroshima já não é mais apenas o estado-das-coisas uma vez encerrados os últimos combates, deixando de ser percebida em meio à nuvem radioativa como uma situação empiricamente verificável entre outras, para ser num só bloco a condição mesma da humanidade e do tempo. O que nos leva de volta ao nosso nó górdio: desde aquele ano zero de 1945, não podemos empregar mais a expressão “nosso tempo” (tampouco responder sem mais à pergunta que vem nos perseguindo) para designar “nossa época”. Simples assim, fazendo uma distinção? Como fazem os filósofos desde Aristóteles? A menos que, ao considerá-las intercambiáveis, definindo, de uma vez por todas, nossa época como esse “tempo” atravessado pelo risco permanente de chegar a um fim e

16. Günther Anders, *Le temps de la fin* (Paris, L’Herne, 2007).

17. Estou parafraseando livremente o título do último livro de Marildo Menegat, *A guerra não tem paz: estudos sobre o sentido violento e destrutivo do fetichismo do capital* (Rio de Janeiro, Consequência, 2024).

carregar o próprio tempo junto com ele para o abismo do fim dos tempos. Mas aqui a conversa já é outra.

Difícil evitar a sensação de que estamos andando em círculo. Por um lado, demonstra-se que a ninguém é dado viver nas dimensões do tempo do mundo – e que o celebrado esforço intelectual e político para acertar o passo com a hora do mundo, quando muito é a ilusão necessária de que se reveste a servidão voluntária de cada um ou de toda uma classe. E se lembrarmos em contrapartida que nem sempre foi assim, que a objeção pela qual começamos esta digressão introdutória, tem um propósito muito específico, a desmontagem da máquina retórica dominante composta pela engrenagem de incontáveis Discursos do Fim, numa palavra, que não podemos revogar numa penada dois séculos de impregnação do tempo vivido (re-descoberto por Eugène Minkowski na saída da guerra de trincheiras de 1914-1918¹⁸) pelas várias durações históricas repertoriadas por Braudel, impregnação cujos momentos de “crise” e revelação foram apropriados pelos mais diversos gêneros de representação – da historiografia narrativa de inícios do século XIX ao grande romance realista, seu contemporâneo –, por certo não haverá objeções, mantida a ressalva da distinção entre as duas durações, a alta e a baixa, abusando um pouco da figuração de um Auerbach e relembrando num mesmo passo que o essencial estará na mistura excepcional das duas dimensões, quando então será permitido dizer que se vive o seu tempo nas dimensões do mundo, pouco importando no caso se a favor ou contra a corrente. Para atenuar a impressão de estar

18. Para uma primeira abordagem, ver Stephen Kern, *A cultura do tempo e espaço: 1880-1918* (trad. Ana Carolina Mesquita, São Paulo, Quina, 2023).

divagando, sempre se poderia evocar a *Educação sentimental*, num extremo, e o *Doutor Fausto*, no outro, aliás dois extremos de um mesmo arco, do bonapartismo ao fascismo. Em princípio, tanto Frédéric Moreau quanto Adrian Leverkühn poderiam perfeitamente pelo menos “personificar” o tempo em que viveram, do qual, para variar conforme a lei do gênero, tanto melhor falariam quanto menos diretamente o fizessem, confiando tão somente no depoimento da forma. Até aqui nada de muito questionável, salvo a birra com a farândola de apocalípticos e integrados em torno de nossa condição póstuma. Mais uma vez: ocorre que esta condição deixou de ser uma metáfora conformista a partir do momento em que passamos a “viver” numa “época” que se distingue de todas as demais, porque não pode terminar, ela é “definitiva”, não tem fim porque está sempre próxima do fim – parafraseando outra vez os juízos finais de Günther Anders. A sensação de estar marcando passo se deve assim ao descompasso entre as categorias clássicas sobre as quais se apreendeu a trajetória do tempo histórico, de sua invenção moderna até o colapso dessa mesma temporalização da história, e a afirmação, apenas aparentemente singela, de que ainda vivemos na Idade Atômica – lembrando que a mera evocação da conjuntura que de um momento para o outro, da Ucrânia a Taiwan, passando pelo Irã, pode se resolver num cataclismo definitivo, sequer aterroriza mais de tão trivial que se tornou, e não por acaso por se confundir com a definição normal do “nosso tempo” – que sem ser autodestrutiva como uma proposição do *Tractatus* de Wittgenstein, tampouco se deixa enunciar sem evidenciar a repulsão mútua entre seus termos. E à qual, desde a primeira hora, o discurso filosófico da modernidade embora apanhado numa flagrante posição em falso, nunca

deixou de “reagir” (salvo Günther Anders, que pelo menos tentou “pensar”), do estupor moral de Camus e Sartre até à hiperbólica *overphilosophication* de Heidegger¹⁹ – ainda que nos seus próprios termos, por certo convencionais. Diante do inusitado daquela flagrante implosão do tempo, que aliás ninguém de fato percebeu como tal, afinal a vida continuava como antes, e, tendo aos poucos as *Grand Expectations* da saída da guerra vitoriosa contra o nazifascismo sepultado a incomensurável carga negativa do Acontecimento, como ficamos? Sem palavras, como Günther Anders nos últimos anos de seu exílio americano, e nos primeiros de retorno ao Velho Mundo.

19. Na expressão escarninha de Richard Rorty, “The Overphilosophication of Politics”, *Constellations*, v. 7, n. 1, 2000, p. 128-32.

UMA BOMBA É UMA BOMBA, É UMA BOMBA*

I.

Günther Anders gostava de se apresentar e descrever como um “filósofo ocasional” e sua filosofia, “um híbrido de metafísica e jornalismo”¹. Nisto teve um precursor ilustre – para não dizer um exato contemporâneo, em mais de um sentido, ao longo dos anos 30 do século passado –, Sartre, que também pretendeu, com a *Nausée*, por exemplo, fazer “*descendre la metaphysique dans les cafés*”. E como se há de recordar, não apenas Sartre, mas toda uma geração francesa do imediato pós-guerra, todos metodicamente empenhados em desentranhar metafísica de uma notícia de jornal, sendo que a categoria “notícia de jornal”, sendo ela mesma um resumo do Tempo Presente, por sua vez o tema único e exclusivo de uma revista como *Les Temps Modernes*, era surpreendentemente ampla para dar notícia, precisamente, de toda uma gama de acontecimentos novos, da publicação de um romance a uma revolução, da

* Posfácio ao livro de Günther Anders, *Hiroshima está em toda parte*, São Paulo: ed. Elefante, 2025.

1. Por exemplo, ao apresentar o conjunto de ensaios aparentemente disparatados reunidos em 1956 no livro traduzido para o francês por Christophe David como *L'obsolescence de l'homme* (Paris, *L'encyclopedie de Nuisances*, 2002, p. 22). No original, *Die Antiquitätlichkeit des Menschen* (Munique, C. H. Beck Verlag, 1956).

exibição de um filme a um *fait divers* etc. – não havia nada de “concreto” que não estivesse impregnado de metafísica e não pudesse vir embrulhado em jornal, por sinal aquele mesmo cuja leitura diária, mais de um século antes, Hegel elevava à condição de “oração realista da manhã”, embora custe um pouco imaginar lida em feitiço de oração a notícia da batalha de Jena e o correspondente colapso da Prússia. Aqui o corte de época que separa o nosso filósofo da obsolescência do mundo de seus contemporâneos franceses, por assim dizer ainda contemporâneos da esquerda hegeliana, para não mencionar o famigerado Discurso Filosófico da Modernidade. Como veremos mais adiante, uma ruptura de época sim, mas na qual a própria noção de “época” está em jogo, prestes a se tornar ela mesma obsoleta, numa acepção inédita do termo, aliás. Uma filosofia da ocasião como a concebe Günther Anders, ao voltar da imigração, não é tão generosamente abrangente como a dos primeiros fenomenólogos franceses, não é qualquer reunião de ocasiões que forma um fenômeno de época, que por sua vez determina e define toda uma época: nos híbridos metafísicos que povoam as notícias de jornal, é preciso saber desentranhar apenas aqueles objetos que se destacam por seu “caráter opaco e inquietante”, e que por isso mesmo despertam esse bizarro “ocasionalismo” filosófico, a rigor uma cadeia infundável de “digressões”². Logo nos depararemos com essas ocasiões-limite e suas respectivas respostas filosóficas, que por sinal sempre giram em torno do inegociável. Assinalo apenas de relance a linha de continuidade do que foi rompido pelo corte de época mencionado há pouco, que também dispomos de uma oração da manhã, só que preventivamente apocalíp-

2. Cf. op. cit. pp. 22-3.

tica: “que o seu primeiro pensamento após despertar se chame átomo”, podemos ler na primeira linha dos *Mandamentos para a Era Atômica*, que publicou não por acaso num jornal em julho de 1957. Com sorte, também veremos no decorrer da presente digressão que os tais mandamentos continuam válidos se substituirmos “átomo” por CO₂ ou SarsCOV-2.

Antes de passar adiante e nos depararmos com a última onda de choque – na verdade, o *first strike* de toda uma cadeia sem fim de golpes superpostos – que por um tempo lhe roubou as palavras, é preciso observar que Günther Anders não despertou para o ativismo filosófico que o celebrizou nas inúmeras campanhas de desarmamento nuclear ainda à sua frente, pronto e acabado da cabeça da Minerva filosófica alemã do seu tempo. Longe disso. Pelo contrário. Nosso personagem áspero e intratável como um cacto de Manuel Bandeira descobriu com mais de quinze anos de antecedência a mesmíssima ideia fundamental de Husserl que fará a cabeça de Sartre em meados dos anos trinta, a janela que abriu a esquelética filosofia francesa para o mundo dos homens lá fora no meio da multidão, nas cidades e estradas poeirentas, o mundo dos artistas e profetas, mundo assustador, mortal, perigoso, povoado de coisas nas quais, conforme se lê no artigo fundador de 1939, a fenomenologia, na sua aparente inocência filosófico-discursiva, instalara o horror que, por exemplo, irradiava da irredutível “essência” terrível de uma simples máscara japonesa etc.³ Por essa época, no entanto, Günther Anders já se tornara um imigrante antifascista vivendo da mão para a boca nos Estados Unidos e

3. J.-P. Sartre, “Une idée fondamentale de la phénoménologie de Husserl: l’intentionnalité”, jan. 1939, in: *Situation I* (Paris, Gallimard, 1973).

a Fenomenologia, bem como a Antropologia Filosófica que a sucedera e corrigira ainda nos anos vinte, e reabilitara com o nome de Antropologia Negativa, ficaram para trás, mas não a ponto de se extinguirem mas brilhando como uma estrela no céu das ideias canceladas, tanto é que até hoje ainda alimenta os estudiosos dos seus anos de formação com a hipótese da persistência daquele antigo regime filosófico⁴.

Seja como for, para voltar ao nosso ponto de partida, as “ocasiões”, quer dizer os traumas de época que o converteram no ser híbrido que dizia ser, curiosamente à revelia, pois como disse certa vez teria preferido de longe ter ficado em casa escrevendo sobre literatura, música e pintura ao invés de correr o mundo para retardar sua destruição, não será preciso recorrer à nova erudição em curso a seu respeito para saber – aliás por ele mesmo, pois nunca cessou de comentar-se a si mesmo, o regime variado dos escritos do “moralista” no qual as circunstâncias o converteram – que desde o início se preparara para redigir uma antropologia filosófica sistemática, animado não só por Max Scheler (do qual chegara a ser assistente por um breve momento) mas sobretudo por sentir-se “dotado

4. Talvez o mais enfático, e por vezes convincente nessa linha, seja seu principal tradutor e intérprete na França, Christophe David. Assim, “Fidélité de Günther Anders à l’Antropologie Philosophique: de l’antropologie négative de la fin des années 1920 à l’obsolescence de l’homme”, *L’homme et la société*, 2011-3 (n. 181), que principia recordando que em 1980 ainda considerava o seu trabalho depois de 1945, depois do 6 de agosto portanto, como uma “antropologia filosófica da época da tecnocracia”, como se pode ler na Nota Introdutória do segundo tomo da Obsolescência do homem. Não obstante, a páginas tantas do mesmo volume (129-30), num texto datado de 1979, proclama com todas as letras a “obsolescência da antropologia filosófica”. Essa a encruzilhada que aos poucos se tornou debate entre especialistas. Para a persistência da fenomenologia, ver ainda Laurent Perrot, “Günther Anders à l’école de la Phénoménologie”, in *Tumultes*, n. 28-9, out. 2007, Paris, Ed. Kime. Sem falar nos outros estudos que desconheço. Para ficar com a prata da casa, ver Felipe Catalani, “Günther Anders, fenomenólogo agitador”, em <https://periodicos.unifesp.br/index.php/lprat/article/view/12327/8599>.

de disposições naturais extraordinariamente sistemáticas” (sic)⁵, sem as quais não seria possível encarar aquele gênero filosófico tão idiossincraticamente alemão e inapelavelmente datado pelo contravapor da Primeira Guerra Mundial, uma ciranda de teorias duras, mesclando por exemplo biologia e filosofia (basta lembrar do longo prestígio das obras de Jacob von Huexküll sobre o comportamento animal e a noção de *Umwelt*), sem falar nas ciências do comportamento, a começar pelo psíquico e assemelhados etc., um carrossel de reflexões com roupa nova girando em torno de uma indagação perene acerca da posição do ser humano no cosmos. Em suma, no resumo de um dos comentadores atuais, pensar o homem enquanto vivente na sua diferença com os outros seres vivos. Publicado em 1928, o livro introdutório de Max Scheler, *A posição do homem no cosmos*, tornou-se um manifesto dessa renovação que alinhara também Plessner, Gehlen e outros tantos mandarins, até o liberal contraditor de Heidegger em Davos, Ernst Cassirer. Por seu turno, valeria bem uma outra missa, a entrada em cena do jovem Günther neste cenáculo e a torção que ele aplicou no repertório, a estreia de uma antropologia filosófica que passou a qualificar de negativa, entre tantas outras razões por revirar pelo avesso o famigerado ser-no-mundo heideggeriano, quando mais não seja porque o homem andersiano, cuja essência não se deixa “fixar” é um homem-sem-mundo, e como aos poucos irá se dando conta na virada radical dos anos vinte para os trinta, a expressão homem sem mundo designa

5. Cf. Günther Anders, *Et se je suis désespéré, que voulez-vous que je fasse?*, conversa com Mathias Greffrath em 1977, publicada pela primeira vez em 1979, republicada dez anos depois. Tradução francesa de Christophe David (Paris, Ed. Allia, 2016, p. 30-1).

obrigatoriamente uma situação de classe⁶. Nesta chave, lerá Berlin *Alexanderplatz* recém saído do forno, como é nela que escreverá seu primeiro texto no exílio parisiense, em março de 1933, uma *Antropologia dos desempregados*. Inaugurada por uma conferência lida em Frankfurt em 1929, *Die Weltfremdheit des Menschen*, cujos originais se perderam, em parte recuperados em dois artigos publicados em francês poucos anos depois, “Uma interpretação do *a posteriori*” e “Patologia da liberdade”, mal traduzidos mas não a ponto de não impressionar Sartre, segundo se diz, que os teve sob os olhos mas teria deixado por isso mesmo, trata-se de uma trilha a ser percorrida sobretudo quando se pensa no que foi deixando pelo caminho, aliás bem longo pois atravessou nazismo, guerra, restauração capitalista, além do ensaio sobre Döblin, elaborado a prestações o magistral estudo sobre Kafka, idem sobre o *Godot* de Beckett, e por aí vai, até alcançar já em 1979 as *Histórias do Sr. Kreuner* etc. Enfim, o próprio e original conceito de obsolescência deita suas raízes nessa *Antropologia Negativa*, cuja elaboração sistemática foi interrompida, o sistema mas não a ideia. Enfim, não faltou quem enxergasse na Bomba Atômica ela mesma, quer dizer, no autoextermínio deliberado e violento do gênero humano, a derradeira encarnação do *novum* antropológico cuja semente nosso filósofo plantara naquela remota conferência na Sociedade Kant de Frankfurt, acrescido é claro da observação subsequente de que o homem sem mundo, por assim dizer matricial, é o trabalhador estru-

6. Sobre essa volatilização do objeto da Antropologia Filosófica, o mal entendido na origem do projeto de uma antropologia filosófica “positiva”, de costas para a condição de “estrangeiro” do homem num mundo que não é jamais o “seu” como para os demais viventes não-humanos, e do qual o separa uma “decalagem de origem”, ver Werner Reiman, “La trace de l’anthropologie”, *Tuultes*, ed. cit.

turalmente desempregado numa sociedade do trabalho.⁷ Mas por aqui não vamos, não só pelo desvio que nos levaria a especular sobre um programa que não aconteceu, salvo nas obras primas avulsas enumeradas há pouco, justamente porque tal programa de Antropologia Negativa foi interrompido de um só golpe (ou confirmado em sua intuição original) pela chegada de Hitler ao poder, menos sua chegada propriamente dita, mas os anos de agonia de sua irresistível ascensão.

Esse o primeiro choque de época, ao qual reagiu ato contínuo por palavras e obras. (Como logo veremos, não foi assim ao receber a notícia do ocorrido em Hiroshima, embora a estupefação fosse da mesma ordem). Por assim dizer da noite para o dia, depois de anos vagando pelos mais diversos domínios e guiado por uma curiosidade filosófica sem dúvida original, engavetou de uma vez seu projeto de sistema. Não foi bem assim, pelo menos no que concerne os estilhaços daquele antigo programa de pesquisa e intervenção: quando finalmente reuniu numa redação final suas conferências e artigos fragmentados sobre Kafka, não é difícil perceber que o poder exercido pelo terror fascista é o fio condutor de sua interpretação, assim como a “antropologia” do trabalho sem trabalho marca as horas de espera de Godot. Todavia o fato divisor de águas é que abandona por assim dizer as formas fixas do gênero Filosofia, substituindo-as por uma variedade de gêneros literários, fábulas, romance, poesia, sátiras à

7. O leitor terá notado pela exiguidade de minhas fontes, além do mais quase que exclusivamente francesas, que não sou propriamente um especialista. Penso atenuar o estrago, se ao menos atinar com o recado do mais original dos filósofos (vá lá, pois ele assim se considerava) do século das bombas, como diria Sven Lindqvist, já no subtítulo do seu livro *Maintenant tu est mort* (Paris, Le Serpent à Plumes, 1999), e sua correspondente sombra genocidária na qual se fundiriam o exterminismo nazi e a ameaça nuclear.

maneira de Swift etc. Acresce que foi justo nessa hora extrema de fascismo e guerra, mais precisamente, nos três primeiros anos da imigração, e já na condição de *outsider* acadêmico, que foi assentando a mão de escritor e polemista como crítico titular da rubrica de cultura e derivados no *Berliner Börsen-Courier* – foi quando deixou de ser Stern e tornou-se definitivamente um “outro” Anders – Günther Autreman, na paráfrase dos seus novos leitores franceses. Por fim, foi este mesmo escândalo do inumano impensável o responsável por sua conversão que chamou de socrática, querendo com isso designar sua *persona* de moralista, sem dúvida na aceção mais enfática do termo, como não poderia deixar de ser tendo-se em vista o patrono escolhido – nada mais, nada menos do que o nome que costuma ser associado à identificação do pensamento como algo distinto do mero (por assim dizer) conhecimento e sem o qual a vida deixa de ter valor, pois tende a zero, e no limite torna-se supérflua, uma vez transcorrida na ausência ou vazio de pensamento. Tendo em mente o mesmo fenômeno – que alguém já descreveu como uma autorregulação silenciosa da “alma” consigo mesma de modo a evitar contradizer-se na hora de prestar contas ao seu duplo, que costumamos chamar também de consciência⁸ –, em lugar da muito intelectualizada e asséptica expressão “pensamento”, Günther Anders falará da mais ativa e politizada “imaginação” – no fundo para dizer algo semelhante, o vazio de imaginação, devidamente explicado pelo processo material de sua produção social, foi afinal preenchido pela Bomba e pelo Campo.⁹ Variante portanto

8. Gerard Lebrun, “O testamento socrático de Hannah Arendt”, in: *Passeios ao léu* (Rio de Janeiro, Brasiliense, 1983, p. 62).

9. Desnecessário assinalar que estive glosando a resposta socrática à pergunta “O que nos faz pensar?” segundo Hannah Arendt, *Vida do espírito* (Rio de

da mesma matriz: “filosofia moral”, ou ainda mais comprometedor, “moralista”, é o outro nome para “filosofia de ocasião”. Numa ou noutra chave – o que nos faz pensar, por assim dizer – se reage ao choque do inominável em sua forma de acontecimento histórico extremo, na falta de melhor vocábulo, à vista da banalização contemporânea dos eventos ditos extremos, no limite um arremate pífio dos terremotos originais. Ninguém nasce moralista, nem mesmo os personagens de Molière, mas se torna moralista ao sabor dos desastres alinhados pelo curso inaceitável do mundo: a boa pergunta seria portanto “como é possível não ser moralista?” Não há filosofia, em suma, que não seja em primeira instância reação moral a uma abominável provocação externa. O resto é pedir chope, como diria Gottfried Benn.

Concebida nestes termos drásticos, e a seu modo inapelável, a filosofia desde então, desde que a história do mundo foi partida ao meio, a filosofia é isso ou não é nada, ou elabora um choque externo *moralmente monstruoso*, ou é desconversa dissertativa, tanto faz se sistemática ou meditativa, e assim sendo, sua primeira e única tarefa reside na capacidade de formulação, simplesmente não compreendemos nem mesmo conseguimos tomar consciência, daquilo que não dominamos linguisticamente – como podemos ler logo nas primeiras páginas da introdução (datada de 1982; as datas são tudo numa obra tão diversa e ziguezagueante como a de Günther Anders) do livro *Hiroshima está em todo lugar*. Por isso, a escola “jornalística” do *fait divers* metafísico – o garimpo metódico dos objetos “opacos e inquietantes” – foi tão decisiva na calibragem do seu sismógrafo.

Janeiro, Relume Dumará, 1991). Num certo sentido, trocando Pensamento (decididamente desheideggerianizado) por Imaginação, continuamos em casa.

Pois bem. Quando a ocasião das ocasiões finalmente chegou e desabou como uma tempestade sobre sua cabeça, e ainda por cima na forma de uma notícia de rádio anunciando que a cidade de Hiroshima acabara de ser praticamente varrida do mapa pela explosão de uma bomba nuclear, aquela decisiva capacidade de formular falhou miseravelmente, e mais, emudeceu por mais de cinco anos.¹⁰ “Durante muitos anos não consegui superar ou abrandar por meio da fala o estupor que me sobreveio pela famosa notícia de rádio de 6 de agosto de 1945”. Podemos presumir sem muito erro que Günther Anders deve ter relatado esse episódio de malogro filosófico, e seu renascimento das cinzas graças a uma real “visão de essência” da Era Nuclear, um punhado de vezes. Conheço apenas duas, esta que acabei de citar e outra na entrevista com Mathias Greffrath, a qual poderia quando muito acrescentar uma

10. A menção à notícia de rádio não é trivial, pelo contrário, é parte do problema, e não dos menores. Quando o feitiço de rompeu anos depois – não estamos falando de outra coisa, é fetichismo mesmo – parafraseando Schoppenhauer, nosso autor publicaria um longo ensaio sobre o rádio e a televisão, em vez de vontade e representação, “O mundo como fantasma e matriz”, recolhido depois no primeiro tomo da *Obsolescência do homem*. Num sentido preciso, será necessário dizer que o efeito explosivo da Bomba só se completaria e propagaria indefinidamente suas ondas de choque com aquela só aparentemente anódina notícia de rádio. Tão inocente na sua enormidade que, segundo um historiador norte-americano, os primeiros a ouvir a notícia por volta da metade daquela distante segunda-feira foram as pessoas que por força do acaso e das circunstâncias estavam próximas de um rádio, a saber, donas de casa, crianças, os aposentados e os trabalhadores engajados no esforço de guerra, de folga por um dia naquele 6 de agosto. Cf. Paul Boyer, *By the Bomb's Early Light. American Thought and Culture at The Dawn of the Atomic Age* (Chapel Hill/Londres, North Carolina University Press, 1985/1994, p. 43 e 48). Poucas horas depois, repercutindo a notícia, como se diz até hoje, jornalistas e locutores já haviam batizado o novo tempo que acabara de nascer de Atomic Age. Impresso preto no branco, sua certidão de nascimento foi lavrada apenas onze dias depois pela Pocket Books, que reuniu em livro reportagens, editoriais, pronunciamentos de chefes de Estado e cia. com um título que diz tudo, *The Atomic Age Opens*. Coube assim aos operadores do mundo como “fantasma e matriz” identificarem a última e definitiva Época da História, ambas desde então obsoletas, como trataria incansavelmente de demonstrar Günther Anders. Uma outra maneira de selar a união entre jornalismo e metafísica.

breve menção logo na introdução (sem data) da reunião de vários escritos sobre arte e literatura, *Homem sem mundo*, menção à “ideia fixa” apocalíptica “que tomou conta de mim naquela manhã de agosto, porém sem que eu conseguisse minimamente transformá-la em texto”.¹¹ Pois no mais completo desses relatos, na referida entrevista com personalidades que precisaram abandonar a Alemanha em 1933, ficamos sabendo mais ou menos do seguinte, que importa por ser não só um resumo em poucas palavras de seu argumento de fundo, como sugere uma data aproximada para a redação do seu estudo seminal, como se diz, “Sobre a bomba e as causas de nossa cegueira diante do apocalipse”: que durante anos não conseguiu reagir como *escritor* ao impacto de Hiroshima; se num primeiro tempo ficou mudo, não foi por falta de reconhecimento imediato do caráter *monstruoso* do acontecimento, mas porque tudo na inteireza do seu ser – pensamento, imaginação, corpo, etc. – se recusava a trabalhar na elaboração do significado daquela monstruosidade; além do mais, morando e se virando nos Estados Unidos durante todos aqueles anos de guerra, sabia muito bem da escala tecnológica das bombas incendiárias que estavam carbonizando as cidades japonesas, de modo que a produção daquele monstro apocalíptico era mais do que previsível; e que mesmo convencido instantaneamente naquela manhã de agosto que a humanidade se tornara capaz de autoextermínio e que uma tal viragem era irreversível pelos séculos vindouros, mesmo assim precisou de alguns anos para enfim encarar uma folha de papel e se desincumbir da tarefa de tornar concebível aquela capacidade de produzir a extinção da espécie por meios técnicos, testado

11. *L'homme sans monde*, trad. Christophe David (Paris, Fariot, 2015).

aliás em duas explosões por assim dizer conclusivas. Seguem então as datas prováveis desses anos de gestação de uma ideia que não vinha. Uma primeira tentativa ainda na América apresenta nosso autor travado, incapaz de escrever uma só palavra. Na segunda tentativa, encontramos nosso filósofo em crise de inspiração, para empregar uma expressão demasiado frívola para o que estava em jogo, de volta à Europa. As datas do estalo variam conforme a fantasia retrospectiva do autor, qualquer coisa entre 1950 e 53, e se referem sempre a duas ou três páginas de um texto lamentável, no qual teria simplesmente passado o atestado da sua, e nossa, incapacidade de ao menos imaginar aquilo que fazemos ou produzimos. *Um fracasso sob medida*. Tão perfeito o encaixe neste pequeno romance de formação, que não seria descabida a hipótese de relativa estilização dos fatos e percalços do pensador. Confessando o vazio de pensamento que me afligiu durante anos – afinal a parte de barbárie que me cabe nessa hecatombe – dei afinal com a chave do enigma. Nem uma miserável ideia em face do descomunal que me cabia pensar? Pois não seja por isso, um branco de mais de cinco anos da parte de um “profissional” era a contraprova do que era preciso demonstrar – sem tirar nem por, ou melhor, mudando tudo o que há para mudar no caso, assim deveriam nascer as ideias na experiência da consciência hegeliana em formação, que acerta quando confessa que não está entendendo nada do drama que está vivendo.

De volta à charada da falsa esterilidade decifrada, nosso autor foi apenas mais uma vítima, temporária enquanto não nascia a nova ideia, da *discrepância* que define nosso século e todos os demais que porventura ainda derem o ar de sua graça, a *decalagem* entre o que produzimos e nossa capacidade de ao menos “entender” o que

acabamos de perpetrar. Estando a nova condição humana (Antropologia Filosófica não deixa por menos) ancorada na normalização desse *gap* envenenado entre produzir e imaginar o que produzimos, estamos condenados, mais dia menos dia, amanhã ou daqui a cem anos, à repetição de Hiroshima e Nagasaki. Dois exemplos arrematam essa brevíssima narrativa sobre seus anos de silêncio e impotência mental, exemplos da cegueira perceptiva quando a imaginação falha, seca e por fim some. Primeiro, o ar inofensivo com que se apresentam os galões de Ziklon-b entrevistados numa visita a Auschwitz e o formidável esforço de imaginação – embora um clichê, nele reside toda a sabedoria socrática dos Mandamentos para a Era Atômica, do tipo amplie ao máximo tua imaginação para não te tornares parceiro de um funcionamento macabro – para perceber naqueles recipientes industriais anódinos a destruição dos judeus da Europa. Do mesmo modo, só a imaginação bem treinada por exercícios de alongamento estará em condições de apanhar em sua rede mais verdade do que a mais equipada das percepções, ultrapassando, por exemplo, o convite à capitulação que se expressa no bom desenho de um reator nuclear e sua cúpula de igreja renascentista. Não será preciso evocar o preenchimento desse ato de intencionalidade imaginária – se for possível falar assim – por visões de Chernobyl ou Fukushima – bastaria lembrar do correlato princípio de Paul Virilio segundo o qual cada tecnologia carrega consigo seu acidente específico, devidamente corrigido para o caso do artefato nuclear, neste o acidente cataclísmico é a própria substância.¹² Pensando melhor, quem sabe exemplos de

12. Paul Virilio e Sylvère Lotringer, *Guerra pura: a militarização do cotidiano* (São Paulo, Brasiliense, 1989, p. 40).

desfamiliarização como estes ainda carreguem consigo alguma reminiscência dos antigos exercícios de descrição fenomenológica, destinados a despertar algo como o verdadeiro “choque filosófico” produzido pelas coisas individuais quando arrancadas de seu contexto funcional, como acontece com o mundo desconcertante e assustador apresentado pela pintura e a literatura modernas, ou num cenário de guerra depois de uma batalha de materiais¹³.

Lembremos enfim que Günther Anders não padeceu sozinho à agonia filosófica de não conseguir elevar ao plano do conceito – cumprir em suma o mandato do pensamento moderno – o núcleo catastrófico e explosivo da época que se abria com a multiplicação virtual do acontecimento Hiroshima. Fazia-lhe companhia na mesma aflição, quem diria, Adorno. É sabido que os dois não se bicavam. Nem por isso – era só o que faltava – a municipalidade de Frankfurt deixou de conceder-lhe o Prêmio Adorno em 1983: na ocasião, ressaltando sem nenhum artifício os laços de família, declarou que ambos acabaram armando uma verdadeira “enciclopédia do mundo apocalíptico”.¹⁴ Faltou acrescentar, nem seria o caso, que falta-

13. Estou glosando e deliberadamente deformando uma passagem de Hannah Arendt cuja lembrança devo a uma observação de Anderson Gonçalves. Simplesmente mudei o sinal, do assustador para o familiar, pois Hannah Arendt, neste passo pelo menos, representa a Fenomenologia como uma vasta operação de “reconstrução” do mundo – mas quem ou o quê o destruíra? –, de restauração do “sentimento humano de morar no mundo”, ainda que se valendo da astúcia metodológica de devolver ao mundo pacificado as coisas isoladas, e por isso mesmo desconcertantes, apoderadas pelos atos arbitrários da consciência e sua intencionalidade. Cf. “O que é a filosofia da existência?”, in: *Compreender: formação, exílio e totalitarismo* (trad. Denise Bottmann, São Paulo, Companhia das Letras, 2008, p. 193-4). Dá para perceber que os franceses de entreguerras, e um pouco além, retiveram apenas o primeiro ato de todo esse teatro de mundo. Daí a intrigante abundância de atos explosivos, muita poeira e árvores ressequidas no ensaio luminoso de Sartre sobre a ideia husserliana de intencionalidade. Voltaremos.

14. Christophe David, “Nous formons une équipe triste: notes sur Günther Anders et Theodor W. Adorno”, *Tumultes*, ed. cit., p. 173.

va, nos capítulos que correspondiam ao seu parceiro, um verbete capital, justamente a Bomba Atômica. Em carta ao próprio, Adorno procurou desta vez se justificar¹⁵: “Eu sempre evitei escrever sobre a bomba atômica, por um motivo que não é muito simples de compreender, talvez por causa da desproporção entre o punho cerrado de um intelectual e aquele dispositivo (*Einrichtung*), certamente não por covardia”. Não tão simples assim. Descartemos de saída o dente de ouro que vem a ser a alusão despropositada à covardia. É quase certo que mais uma vez Günther Anders tenha cobrado do filósofo, com a falta de jeito dos ativistas, sua participação nalguma marcha pelo desarmamento nuclear e tenha recebido novamente um sonoro não. Tampouco vou especular agora sobre as relações entre Teoria e Prática num e noutro. Salvo lembrar que numa das raras vezes em que a Bomba dá o ar de sua graça nos escritos de Adorno, é na condição de limite político absoluto. Eis o decreto, enunciado no rescaldo do Maio europeu: “contra os que administram a bomba, são ridículas as barricadas; por isso brinca-se de barricadas e os donos do poder toleram temporariamente os que estão brincando.”¹⁶ Daí o senso do ridículo que o paralisa diante do

15. Como lembrou e comentou Felipe Catalani no primeiro capítulo de sua *Dissertação, Filosofia moral no mundo do pós-guerra. Estudo sobre Adorno*, FFLCH-USP, 2019.

16. Theodor Adorno, “Notas marginais sobre Teoria e Praxis”, in *Palavras e sinais. Modelos críticos II* (trad. Maria Helena Ruschel, Petrópolis, Vozes, 1995, p. 217). Depois de citar esta ocorrência da ameaça nuclear, na esteira da carta a Günther Anders, e refletindo sobre a “brutalidade de sua formulação”, o mesmo Felipe Catalani de há pouco, e na mesma página, remete a uma passagem de Carl Schmitt, sem data precisa mas seguramente redigida em plena Era Atômica, cuja ênfase recai novamente sobre a “assimetria de poder” (FC), da qual no fundo estamos falando sob uma ou outra denominação: “as imagens tradicionais de marchas de rua, barricadas etc. aparecem como brincadeira de criança frente a esses instrumentos de poder modernos”. Não é nosso tema de agora, mas seria bom reservá-lo para uma discussão ulterior, entre-

intelectual que se dá ao desfrute de cerrar os punhos levantados contra um dispositivo propriamente pós-humano – aliás o gesto mesmo dos militantes maoístas ao escarnecer, no caso, do que chamavam de “fetichismo nuclear” corporificado pela Bomba, um outro tigre de papel de cuja posse entretanto a República Popular da China mesmo assim nem pensava em abrir mão. É bom insistir que estávamos no imediato pós-68 e Adorno se desentendera de vez com os rumos dos levantes meia-oito.¹⁷ Posando ou não de revolucionário, batemos todos num teto absolutamente desproporcional – parece mas não é o mesmo conceito de “discrepância”, nosso conhecido, afinal dois “ridículos” somados, a gesticulação revolucionária de um filósofo e o teatro estudantil das barricadas, no máximo seriam sintomas regressivos e só com muita licença hermenêutica incluídos entre as molas propulsoras da defasagem entre forças produtivas descontroladas (na falta de melhor termo para a *hybris* que as tornou destrutivas) e a atrofia da nossa faculdade de julgar e imaginar. Seja como for, aí

tanto a frase em questão figura numa discussão sobre a aceleração dos meios técnico-militares do poder de Estado exponenciados numa escala tal pela entrada em cena da Bomba (presume-se), tornando a proliferação uma decorrência lógica, pois todo Estado vê-se coagido a assumir o controle da nova arma. Pensando bem, uma redefinição do poder soberano pelo monopólio da emergência nuclear.

17. Lamentável e dramático desencontro, segundo Peter-Erwing Jansen, entre o movimento estudantil dos anos sessenta e os veteranos da Teoria Crítica, sobretudo se recordarmos que foram justamente naqueles círculos mais insubmissos da sociedade alemã restaurada que os clássicos frankfurtianos foram redescobertos e postos em circulação na reviravolta 68. De onde afinal viria o impulso heterodoxo para passar pelo crivo insurgente da crítica ao capitalismo organizado, socialismo real e, despontando no horizonte de um passado nem por sombra elaborado, o espectro de uma nova extrema-direita? Com algum exagero e descontado o *pathos* incomparável (bem ou mal, uma Revolução estava a caminho), repetia-se em tamanho reduzido o entrechoque russo entre Pais e Filhos. Cf. “Sobre o background teórico e a prática política do movimento estudantil alemão (1968-1984)”, in: Herbert Marcuse, *A grande recusa hoje*, coletânea organizada e traduzida por Isabel Loureiro, em colaboração com Robespierre de Oliveira (Petrópolis, Vozes, 1999).

tem coisa, nessa dissidência de Adorno diante da enorme monstruosidade da bomba, no fim das contas, capacidade de formular era com ele mesmo. E quanto ao fundo da questão, ambos concordavam que a recaída na barbárie – tão temida por Marx – já se produzira: “esperá-la para o futuro”, como dizia Adorno no mesmo texto sobre teoria e prática, justamente depois de tal recaída, “depois de Auschwitz e Hiroshima, faz parte do pobre consolo de que ainda é possível esperar algo pior”. E mais, pode até surpreender, mas Günther Anders também tinha um pé atrás com a contestação dos anos sessenta, embora tenha participado ativamente, pois rebaixava aqueles movimentos à condição de meros “substitutos”, por deixarem de fora, ou na sombra, no melhor dos casos, a ameaça de morte nuclear que pairava acima da época a que não só dava o nome mas anunciava como derradeira: “a necessária revolta principal foi escondida por revoltas secundárias, a luta contra um futuro sem mundo ou mundo sem futuro foi substituída de maneira quase exclusiva pela luta contra males contemporâneos ou contra males de um futuro incontestado. E isto lhes bastou durante anos”, como se pode ler na Introdução de *Hiroshima está em todo lugar*. Arrematando a surpresa, o argumento fecha com um (mau) juízo que Adorno sem dúvida não pensaria duas vezes para endossar: “e talvez seja justificada a suspeita de que essas *rebeliões substitutas* nem foram assim tão mal recebidas pelas potências dominantes como elas nos fizeram crer. Pois durante o transcurso dessas rebeliões, as potências mundiais puderam prosseguir tranquilamente com seu alucinante armamento nuclear”. Por outro lado, como era notória a alergia da velha guarda frankfurtiana às campanhas pelo desarmamento nuclear, como ficamos? Uma desconcertante querela entre apocalípticos, de costas para

os integrados? Tampouco a implicância de Adorno com o ativismo de amplo espectro de Günther Anders – dos testes nucleares ao Tribunal Russell – oferece uma pista segura, pois se trata de um combate mais do que singular: o paradoxo de uma prática política quando a rigor não há tempo para mais nada. E afinal, o que há de político na político não é justamente ganhar tempo? O tempo necessário para as respostas humanas, possíveis somente quando dispomos de uma reserva de tempo, como pensavam Oskar Negt e Alexander Kluge lá pelos idos de 1980 e 1990, bem no limiar que estava sendo transposto com a agonia da Guerra Fria, uma implosão geopolítica com um inaudito potencial de catástrofe.¹⁸ Talvez seja isso. Adorno renunciou, ou não se animou, tanto faz, a pensar a Bomba porque já não havia mais tempo político para respostas humanas, por motivo sim de *desproporção* incomensurável entre os humanos e a bomba por eles mesmos produzida sob o famigerado véu tecnológico, aquela tendência de encarar a técnica como a própria coisa, um fim em si mesmo.¹⁹ Em certo sentido, Negt e Kluge poderiam responder que é disso mesmo que se trata. Como não há nenhuma relação de medida possível e imaginável entre uma explosão nuclear (para não falar ainda no oximoro “guerra nuclear”) e o “minúsculo e frágil corpo humano”, desabrigado no centro de uma poderosa tempestade, desta vez não de aço, mas de matéria

18. Oskar Negt e Alexander Kluge, *O que há de político na política* (trad. João Azenha Júnior, São Paulo, Unesp, 1999).

19. O passo adiante dado por Günther Anders, lembrado novamente por nosso cicerone francês, Christophe David, levou à visão desconcertante de que a técnica e seus derivados já se tornara a coisa ela mesma, como diriam os fenomenólogos dos primeiros tempos, de tal sorte que, no mundo totalmente administrado do capitalismo organizado que culminara na Bomba, a sociologia dos homens deveria dar lugar a uma sociologia das coisas. Cf. “Nous formons une équipe triste”, ed. cit., p. 174-5.

desintegrada²⁰, não há respostas humanas, quer dizer, políticas, para essa incongruência descomunal. Por isso evocam não por acaso o desastre de Chernobyl: o que se pode opor de político a uma chuva radioativa? Assim como uma “reviravolta das relações de medida [NB: o modelo são as linhas nodais das relações de medida na Ciência da Lógica, de Hegel; o que hoje vulgarmente chamamos a três por dois de *tipping point*, para Hegel, elas eram a pulsação do vivo, hoje, se pensarmos nas constantes ultrapassagens das Mudanças Climáticas, elas sinalizam o movimento inverso, por assim dizer as relações de medida da entropia, ou ainda, em nossos pulmões afogados por uma inundação de patógenos e anticorpos em guerra] em nosso corpo ou em nossa cabeça é capaz de provocar a morte”, uma reviravolta na escala de um inverno nuclear, se Negt e Kluge estão na direção correta, desnudaria a nossa humana condição (na formulação preferida de Montaigne e que Günther Anders emprega sem maiores inibições), revelando nossa outra condição encoberta pela rotina da política de poder,

20. Para falar como Benjamin a respeito da geração que de “1914 a 1918 viveu uma das experiências mais monstruosas da História Universal”, “Experiência e pobreza”, in *Documentos de cultura, documentos de barbárie*, escritos selecionados e apresentados por Willi Bolle (São Paulo, Cultrix/Edusp, 1986, p. 195). Pois essa geração que ainda fora à escola de bonde puxado por cavalos e viu-se lançada num campo de força de explosões e correntes destruidoras, sem falar no choque da guerra química, prenunciando a solução final que vinha pela frente, nos termos do argumento de Negt/Kluge, de certa forma fora brutalmente arrancada de uma outra experiência, política precisamente, enquanto reserva de tempo necessária à formação de uma comunidade, a experiência do valor de uso da duração, do longo prazo como categoria de defesa contra o perigo, de modo que “a expansão temporal biográfica de uma comunidade não fosse continuamente interrompida por intervenções externas e por um empobrecimento interior”, Id. *Ibid.*, p. 21. Assim como aquela geração voltou muda da guerra de trincheiras, na observação famosa de Benjamin, por que não seria possível supor que algo do gênero teria ocorrido na “saída de guerra” (uma categoria introduzida pelo historiador Henry Rousso, à qual voltaremos) em 1945, alguns intelectuais incluídos, como acabamos de ver, malgrado a idêntica enxurrada de papel impresso sobre aquela segunda experiência monstruosa?

o fato de sermos “intrinsecamente apolíticos, ou para usarmos uma expressão de Hegel e Hölderlin, somos pessoas *sem resposta*”²¹. No fundo, cada um no seu tempo próprio, foi o que deram a entender nossa dupla Anders/Adorno.

21. Oskar Negt e Alexander Kluge, op. cit., p. 25. Digamos que o eclipse das respostas humanas, e portanto políticas, na hora H (sem trocadilhos) é uma das assinaturas do nosso tempo, cujo lado B poderia ser mais prosaicamente decifrado com a ajuda de uma observação de Paul Virilio. Como na Era Nuclear a velocidade tornou-se a dimensão essencial – assim o problema não é o poder destrutivo da arma de Hiroshima mas a sua velocidade –, a própria estratégia da dissuasão tende a tornar-se obsoleta graças à quase instantaneidade do processo de tomada de decisão na hora em que a crise entra em ebulição. Como pressupõe um tempo para reflexão, as manobras de chantagem terrorista exigidas pela noção mesma de dissuasão acabaram assumindo um curioso e bolorento aspecto “humanista”. Não havendo mais tempo para a reflexão, o poder de decisão se encontra nas mãos de “máquinas automáticas de resposta”. Dito no início dos anos oitenta: “hoje ainda há um tempo de reação. Ele era aproximadamente de meia-hora em 1961 [quando a velocidade dos vetores conduziu ao telefone vermelho de Khrushchev e Kennedy]. Para Andropov e Reagan, o prazo de resposta não passava de alguns minutos.” *Guerra pura*, ed. cit., p. 61. No caso de uma guerra nuclear em andamento (sic), a mesma lógica despolitizada da velocidade terá feito o “tempo da resposta” cair a zero: não haverá mais qualquer decisão política, apenas uma decisão eletrônica. Id. *Ibid.*, p. 36. Não custa lembrar, pois o ponto é central nesta digressão sobre a Era Atômica segundo Günther Anders, que mais ou menos trinta anos antes, começando a desenvolver sua sociologia das coisas organizadas em sociedade, nosso filósofo de ocasião havia antecipado o impasse nos seus próprios termos, ao ilustrar historicamente seu conceito de “vergonha prometeica”, na qual se exprimiria a situação moral do homem hoje – “somos menores do que nós mesmos” – recorre ao *affaire* MacArthur, o general comandante das operações na Guerra da Coreia destituído com pompa e circunstância pelo Presidente Truman por cogitar o emprego de armamento nuclear para safar-se de uma quase derrota vexaminosa. Os historiadores liberais costumam celebrar o gesto como uma reafirmação peremptória do comando civil sobre o poder militar – o sonho pueril de todo brasileiro progressista que vive numa república tutelada pelos militares desde sua fundação, por um golpe, exatamente. Nada a ver, replicaria Günther Anders. Os responsáveis por seu enquadramento em cena aberta, não estavam nem um pouco decididos a substituí-lo por outro personagem menos insubordinado etc. Simplesmente consideravam que tal poder de desencadear uma hecatombe nuclear deveria ser confiado a um *instrumento*, a um cérebro eletrônico, como se dizia naqueles anos dourados da Idade Atômica, e não ao humano demasiado humano cérebro do General McArthur: em suma, se a última palavra deve ser objetiva, faz sentido que só se considere objetivos os julgamentos pronunciados por objetos. Cf. *A obsolescência do homem*, tomo I, p. 79. Processo que mais adiante no livro será chamado de *instrumentalização*. Não sendo mais “agentes” mas somente colaboradores de um sistema de instrumentos, a ideia política de uma resposta humana que demanda tempo armazenado para poder pensar, não faz mesmo mais nenhum sentido.

2.

Günther Anders não foi o único nos Estados Unidos a ficar “sem resposta” durante os primeiros cinco anos da Era Atômica, os últimos de seu exílio americano. Sendo além do mais escritor, pode-se dizer que passou aqueles anos de esterilidade filosófica na companhia de seus iguais no mesmo esforço de igualar a imaginação à dimensão distópica do Acontecimento, pois foi justamente no círculo dos profissionais da palavra – romancistas, poetas, dramaturgos – no qual esta última girou em falso, mal apanhados pelas primeiras ondas de choque. Simplesmente emudeceram diante da bomba. Para desconso-lo de um Lewis Mumford que, em sua aflição combativa de sempre diante do descarrilamento da civilização técnica, esperava, com uma certa inocência acerca do real funcionamento da escrita literária, que escritores e poetas não se limitassem a espelhar o desacerto do mundo mas retomassem a iniciativa (miragem vanguardista retrospectiva) de recolher ao inferno de onde haviam escapado os demônios que corriam à solta desde Hiroshima.²² Queria enfim que o acompanhassem em seu “engajamento”, ao qual a “loucura” da bomba dera um impulso radical. A seu ver, ao aceitar passivamente os desmandos de seus líderes, por sua vez ensandecidos pelo exclusivo nuclear de

22. Para um apanhado dos escritos de intervenção de Lewis Mumford entre 1946-48, ver o citado livro de Paul Boyer, *By The Bomb's Early Light: American Thought and Culture at the Dawn of the Atomic Age*, p. 284-7. Salvo indicação em contrário, estou me apoiando nesta valiosa reconstituição de época, a começar pela menção inicial acerca da desconversa dos escritores atropelados pela bomba, o fato desconcertante de que a realidade central da nova era ainda continuava fora do alcance da consciência literária de toda uma geração, como se pode ler no capítulo 21 do livro, justamente intitulado “Words Fail”.

que ainda gozavam, a sociedade americana arriscava-se a embarcar numa aventura genocida que transformaria o planeta num campo de extermínio. Um dos gatilhos da escalada retórica de Lewis Mumford, foi o anúncio da sequência de testes nucleares a serem realizados no atol de Bikini, a partir de julho de 1946, menos de um ano depois das duas detonações “de verdade”: “Gentlemen, you are mad”, reagiu Mumford num artigo de março daquele ano, engrossando o caldo de comoção nacional diante da evidência de que uma onda avassaladora de radioatividade letal estava prestes a arrebentar mundo afora. No capítulo que dedica ao episódio, “The Mixed Message of Bikini”, Paul Boyer mostra como a contrapropaganda oficial acabou prevalecendo (os testes, atmosféricos, ao nível do mar e subterrâneos, se estenderiam durante dois anos) sobre a tendência dos estragos retrospectivamente interpretados como sinais precursores dos desastres climáticos por vir. Sem falar na contraprova maior de que não haveria de qualquer forma defesa alguma contra um ataque atômico, como dois anos depois – já com a dissidência dos cientistas esmorecendo e as campanhas de controle internacional dos artefatos nucleares refluindo – alertaria o livro de David Bradley, *No Place to Hide*, mesmo assim ainda um *best-seller* paradoxal num momento em que a sociedade americana já havia abraçado a causa da bomba em nome de uma inegociável supremacia também ou sobretudo nessa última fronteira. Não teria evocado o grande medo provocado pelos anos de teste no atol de Bikini, sabiamente calibrados e narrados até o ponto da reconciliação com a bomba culminar numa disputa entre estilistas pela patente de um não tão banal assim maiô feminino de duas peças, se a questão das explosões nucleares ditas experimentais não retornasse, anos depois de várias centenas

de testes similares, ao coração do argumento de Günther Anders, como a seu tempo veremos: que sendo a rigor o laboratório de tais experimentos coextensivos ao globo em toda sua inteireza, cada “ensaio” equivale a uma real “utilização”, a natureza mesma da bomba teria anulado a distinção entre seu emprego e sua explosão laboratorial, assim como uma sociedade não pode fazer a experiência do fascismo, só por uma vez, para ver como funciona.²³

Voltemos ao roteiro de Paul Boyer, ou mais precisamente, nos nossos termos, a comum incapacidade de atinar com a forma ajustada a explosão da nova era experimentada tanto por escritores quanto por nosso filósofo de ocasião, e por isso mesmo funcionando igualmente como um barômetro da tempestade que se armava. Como lembrado, o foco do historiador americano são os primeiros cinco anos da “revolução nuclear” – exatamente os últimos da experiência americana em primeira mão, por assim dizer, do filósofo cujos anos de aprendizagem está nos interessando acompanhar – denominação adotada por alguns historiadores para distinguir uma primeira fase de desconcerto geral, de uma segunda de normalização do “terror”, dita “termonuclear”, reservando a expressão “atômica” para os tateios e miragens da primeira.²⁴ E naqueles cinco primeiros anos, 1945-50, entre Hiroshima e a ordem dada para se chegar à bomba de Hidrogênio, um efeito muito especial logo identificado no *day after*, para ser exato, no *New York Times* de 8 de agosto de 1945, na véspera da “surpresa” de uma segunda bomba, pela premiada editorialista (isso conta) Anne O’Hire MacCormi-

23. Günther Anders, *Obsolescência*, tomo I, ed. cit., p. 287-91.

24. Rens van Münster e Casper Sylvester, *Nuclear Realism: Global Political Thought During the Thermonuclear Revolution* (Londres/Nova York, Routledge, 2016).

ck, presumindo que a bomba atômica deve ter causado na cabeça da população americana uma explosão tão fulminante quanto a obliteração de Hiroshima. Paul Boyer foi atrás justamente dos efeitos daquela chuva radioativa mental.

Chegando ao capítulo da imaginação literária, nosso Autor deu então com uma síndrome análoga aquela que travou nosso filósofo. Uma analogia de fôlego curto, sem dúvida. Pois uma coisa é a representação literária da realidade – no caso a matéria bruta da sensibilidade pós-Hiroshima, que os mais exigentes chegaram a chamar de “referente nuclear”²⁵ – que é tanto mais “verdadeira” quanto mais dissimulada e inesperada for a relação com o seu material que, por sua vez, quanto mais distante melhor etc. –, outra, muito diversa da apresentação literária do mundo, a formulação de um par de ideias cujo desenvolvimento resume uma época que caminha para a sua perdição, em comum porém, e isto é tudo, a mesma compreensão tácita do mundo como crise. Feita a ressalva, uma breve enumeração *pro forma* de alguns dos casos reportados por Boyer. Nos romances dos primeiros anos pós-Hiroshima de Lionel Trilling, Saul Bellow, Norman Mailer etc. nada que sugira que os tempos são absolutamente outros. No sempre citado discurso de Faulkner ao receber o Prêmio Nobel em 1950: em poucas palavras, não se extrai boa literatura de um afeto tão inespecífico quanto certo de que poderemos ir pelos ares a qualquer momento. Paralisia moral e política quando muito, rendem apenas má consciência. A mesma Gertrude Stein

25. Por exemplo, J. Fisher Solomon, *Discourse and Reference in the Nuclear Age* (1988), comentado por Christopheer Norris, *Uncritical Theory: Post-Modernism, Intellectuals and the Gulf War* (Amherst, Massachussets University Press, 1992, p. 38-47).

que viu na guerra de 14-18 uma “guerra cubista”, achando que o espírito de uma época era forte o suficiente para moldar tudo à sua volta, da pintura à guerra²⁶, quando lhe perguntaram em 1946 o que pensava da bomba atômica que estava com certeza inaugurando uma guerra fria e abstrata, respondeu que não via nada demais numa outra máquina entre tantas outras, com a diferença de que esta matava mais. (Absolutamente nada a ver com o sarcasmo de Karl Kraus quando perguntado o que pensava de Hitler: “não me ocorre nada a respeito”). Poderia acrescentar que uma máquina de repetição de um presente expandido, mimetizando assim suas técnicas narrativas que se distinguíam pela exasperante repetição do começo²⁷. Nada mal a respeito de um artefato que acabara de anunciar que a ausência de futuro estava começando. Uma das “teses” de Anders. Ou então que o futuro já começara e era isso mesmo o que estávamos vendo, seguindo corretamente o título swiftiano do livro de Robert Jungk sobre o seu giro pela Terra Prometida do átomo²⁸. Nesse sentido, a glosa com que Paul Boyer fecha seu parágrafo não poderia ser mais exata, “a bomb is a bomb, is a bomb”²⁹

Voltando aos três romancistas citados acima, Paul Boyer acaba concluindo que o silêncio assinalaria menos um fracasso da imaginação, do que sua intensificação, pois qualquer tentativa de rápida assimilação daquela novidade estarrecedora estaria condenada ao fracasso: por

26. Para um comentário, Stephen Kern, *The Culture of Time and Space, 1880-1918*, particularmente o capítulo 11, “The Cubist War” (Cambridge, Massachusetts, Cambridge University Press, 1983/2003).

27. Ainda Stephen Kern, op. cit., p. 85.

28. Publicado na Alemanha em 1952, o livro chegou até nós em uma tradução portuguesa e capa bisonha para as barbaridades que descrevia, em 1962, *O futuro já começou*, ed. Melhoramentos.

29. Op. cit. p. 250.

mais avassaladora que fora a bomba, com exceção de uns poucos cientistas dissidentes e centenas de milhares de japoneses, jamais seria uma experiência vivida, de cuja matéria se pudesse desentranhar a forma que a revelaria.³⁰ Mas a ser assim o Tempo do Mundo na acepção original de Braudel, “o tempo vivido nas dimensões do mundo”, teria se tornado literariamente imprestável no momento mesmo em que dobrava a última esquina da história, se for possível recorrer a um estereótipo progressista na mais absoluta contramão. Seja como for, nosso historiador não deixa de dar razão a um dos intérpretes do período final de Wallace Stevens, para o qual era cláusula pétrea que não se desentranha poesia de notícia de jornal: tais poemas da última fase, pelo contrário, estavam profundamente moldados pela ameaça da aniquilação atômica, e nisto demonstrariam uma “sensibilidade contra-apocalíptica”³¹. O Günther Anders que afinal se exprimiria por extenso no momento termonuclear da “revolução em curso”, também à contracorrente, não diria coisa muito diferente, com a possível ressalva de que ver assim “*the world as saved*”, seria talvez pedir demais. Chegaremos lá, ao ponto, não à salvação, pois se trata, nas palavras do filósofo, de um “apocalipse sem reino”.

Se ao fim e ao cabo andamos assim em círculo, qual o propósito do rodeio pelo silêncio estupefato dos profissionais da imaginação (justamente a faculdade a ser reinventada e expandida, segundo o nosso filósofo) naqueles primeiros cinco anos de monopólio nuclear americano? Terá servido, quem sabe, para lembrar (mas não conseguiria provar preto no branco) que durante aquele período de

30. Id. Ibidem.

31. Id. Ibidem, p. 247.

choque moral e celebração tecnológica, Günther Anders deve ter digerido toda aquela matéria bruta da nova sensibilidade e levado na mala de volta para a Europa uma ou outra forma dessas que no calor da hora brotaram do fundo da alma, mas que reviradas do avesso, revelaram um segredo ainda latente. Ou melhor, latente e no entanto torrencial em suas manifestações para lá de explícitas e literais. Só no ano de 1946, mais de trezentos artigos sobre a bomba atômica foram publicados nos jornais e revistas americanos, sem falar nas incontáveis emissões de rádio, sermões nas igrejas etc. Segundo nosso cicerone Paul Boyer, a densa nuvem de medo que recobriu os Estados Unidos em agosto de 1945 também produziu uma avalanche oratória exortando os cidadãos a encararem o desafio nuclear. Na formulação mais do que reveladora do nosso Autor (para nós, é claro, quase oitenta anos depois e anestesiados pelo chove e não molha da Guerra Fria e os desenganos do seu desfecho), tudo se passava naquele momento de *urgência* realmente vivida, um sentimento que hoje teríamos dificuldade de representar (Paul Boyer estava escrevendo em meados dos anos 1980 num daqueles interregnos em que a ansiedade nuclear já era vista como algo irrelevante e totalmente fora de tom), tudo se passava, repito, como “se viesse do povo a mensagem de que era urgente encontrar rapidamente uma *resposta política comensurável* [grifo meu] com o pavoroso novo perigo”. Uma resposta humana, enfim, sem tirar nem por. Ou ainda, parafraseando a estilização da reviravolta socrática ressuscitada por Hannah Arendt, o que nos faria enfim voltar a pensar? De uma revista feminina ilustrada a um reitor de universidade, a resposta é uma só: um mesmo tema e suas infundáveis variações: “a bomba, esse o mais importante de todos os objetos a serem pensados, hoje,

amanhã e nos anos por vir [...] só há um tema de fundamental importância no momento atual, a bomba atômica” etc. etc. Antes de arrombar uma porta aberta e lembrar que estamos lidando com um discurso que vendia bem, “matérias” que na década seguinte Roland Barthes não hesitaria em rotular, com razão, de “mitológicas”, e graças às quais já se perdera o caminho real que nos devolveria a um inacessível referente – recordemos que não só a rádio da universidade de Denver alertava numa transmissão que “uma bomba-relógio está de baixo de sua casa, nesta estação de rádio seu tique-taque está escorrendo... a América precisa tomar uma decisão agora”. Um grande medo, enfim infiltrava-se pelos corações e mentes, tudo aquilo que uma década depois Günther Anders diria que havia sido soterrada pela sociedade das coisas. Um medo de resto paradoxal. De novo Paul Boyer: ao contrário da Europa, os Estados Unidos não foram sequer fisicamente tocados pelas destruições em cadeia da guerra. E no entanto no momento mesmo da vitória, que não era pouca coisa, sentiam-se agora vulneráveis e desamparados e ainda detendo o monopólio dos armamentos nucleares, viam-se menos como agressores potenciais do que como as futuras vítimas. Ainda na mesma linha de sentimento, um certo sexto sentido lhes dizia que a bomba não fora um ponto final mas trouxera consigo o rumor de armas engatilhadas para um segundo strike. Tanto é assim que se poderia ler sem nenhuma surpresa no início de 1946, num anódino *Lady's Home Journal*, uma exortação como este “livrai-nos do mal” de uma Hecatombe nuclear: que seja este o pensamento com o qual deves acordar, carregar contigo durante o dia e levá-lo até a beira da cama. E por aí vamos, ou melhor, íamos, antes da causa da bomba ser abraçada na virada para os anos cinquenta, como recor-

dará Paul Boyer na conclusão do livro. De qualquer modo, difícil não lembrar do primeiro Mandamento da Era Atômica redigido por Günther Anders dez anos depois: que o teu primeiro pensamento ao acordar seja para o átomo. Como tampouco não podemos deixar de assinalar esta outra circunstância, não mais do que isto, que beira o contrassenso, mas nem por isso é de se jogar fora. Na noite mesma de 6 de agosto o editor da bem-comportada *Saturday Review*, escreveu um artigo de fundo com o *pathos* exigido pela hora, porém publicado doze dias depois com o título “Modern Man is Obsolete”.³²

Nada mais, nada menos. Norman Cousins é o nome do personagem. Foi tal o impacto, que em outubro uma versão expandida em livro vendia como pãozinho quente. A frase sobre a obsolescência do *homem* virou lugar comum na publicística americana da época, e o editorial, lido e reproduzido como um Manifesto. O artigo é mais um sintoma do que um argumento, e sintoma de um novo mal do século desconhecido: no ponto culminante de um triunfo militar e científico sem precedentes, o abismo entrevisto num planeta girando silenciosamente no espaço como uma esfera incandescente à temperatura solar de Hiroshima no primeiro segundo. No coração do argumento, o arsenal oitocentista do *establishment* pensante americano: muito Spencer, Darwin, Malthus, Lamarck etc. Com a diferença assustadora que as batatas do vencedor, foram substituídas pela Bomba. De sorte que o nascimento da Era Atômica em 6 de agosto de 1945 vinha a ser um tremendo e inusitado *memento mori*, recobrando tudo e da noite para o dia, das máquinas à política, passando pelo

32. O artigo ainda se encontra na internet. Em 1970, a revista republicou-o numa edição comemorativa dos vinte e cinco anos daquele triunfo editorial.

amplo leque de poetas humanistas da moderna vida do espírito, com a vasta *mortalha da obsolescência*. No centro resplandecente, *a obsolescência do homem moderno, um “self-made anachronism”*. A menos que... Aqui entrava em cena a panaceia cujo sucesso não ultrapassou a primeira temporada, o governo mundial, federativo de preferência, deitando raízes na Paz Perpétua do iluminismo, lembrado pelo entusiasmo despertado pela criação da ONU. O movimento encorpou a ponto de tornar-se uma verdadeira cruzada, tocada pelo fervor de militantes e ideólogos. Era isso ou a barbárie nuclear. Como se sabe, em pouco tempo a eclosão oficial da Guerra Fria sepultou tudo isso. No resumo de Boyer: sendo real e incontornável o medo da aniquilação mútua, estava no entanto disponível uma resposta realista: governo mundial, nem pensar; OTAN, sim. Trocando em miúdos: a momentânea porém absoluta supremacia militar americana deveria ser rapidamente monetizada na forma de uma Pax Americana Global. Dito isso, está claro o despropósito de sequer cogitar uma linha direta entre o homem obsoleto de Norman Cousins e o seu eventual equivalente em Günther Anders, salvo o parentesco das expressões similares e a data de sua declaração oficial de obsolescência, 6 de agosto de 1945, embora o processo viesse de longe, como sabemos, a assim não tão longa curva descendente do homem sem mundo ao ponto final do mundo sem homem, de perneio a alienação pelo trabalho organizado, como a seu tempo veremos. E no entanto há um intrigante elo perdido no meio do caminho. De volta às observações pioneiras de Robert Jungk em suas andanças americanas naquele mesmo período de decolagem de uma nova era que se abria com a constatação de que o homem se tornara “obsoleto” e que a ser assim, seria preciso submetê-lo a um violento processo de “reengenharia” destinado a

dotá-lo dos “meios que lhe permitam acompanhar o desenvolvimento de máquinas sempre novas, sempre mais rápidas, cujo raio de ação se alarga constantemente”³³.

Embora não dê sinal algum de ter notícia da epifania redentora de Cousins e consortes – estava no ar do tempo –, não estaremos forçando a nota se dissermos que ela ressoa nas palavras de um instrutor da US Air Force: “considerado sob o ângulo da técnica aeronáutica futura, o homem atual é um fracasso”. Poucos anos depois a fórmula não por acaso reaparecerá no §4 do ensaio de Günther Anderson sobre a “vergonha prometeica”, com a devida remissão em nota ao livro de Jungk, como um exemplo eloquente da integração do homem no campo dos instrumentos, na condição rebaixada de “construção defeituosa” (*faulty construction*).³⁴ O caso do General MacArthur era apenas o de um protótipo cuja graduação máxima não eliminava sua condição de fonte permanente de erro. Na filosofia exata da história de um outro “pensador” de uma importante fábrica de construções aeronáuticas da Califórnia – continua o registro de Robert Jungk –, “o homem será sempre um ‘freio ao progresso’”. Mal comparando, a matriz

33. *O futuro já começou*, ed. cit., p. 36. O longo trecho do qual extraímos esse teorema da modernização humana recuperadora, e no qual é descrito um programa de treinamento e testes nos laboratórios médico-fisiológicos da aviação americana, que aliás mal se distinguem dos suplicios de uma câmara de tortura, encontra-se transcrito por extenso no ensaio de Felipe Catalani, “A inocência perdida das forças produtivas”, a esta altura já circulando nalgum site da web, acerca das origens intelectuais no entreguerras alemão da “discrepância prometeica” segundo Günther Anders, cujo marco zero é um ensaio profético de Walter Benjamin sobre “as armas de amanhã” (1925), e a estrela-guia, a visão do “reacionário” Jünger acerca da qualidade militar, velada ou aberta, de todo meio técnico. Noto de passagem, a centralidade da ideia de explosão em todo esse enredo. A deixa é dada pelo dito famoso de Adorno (que aliás nunca se deu ao trabalho de retraçar a linha que conduz da atiradeira à bomba atômica, *boutade* que se equilibra perigosamente entre a montagem de Kubrick, osso-arma/nave espacial e o kitsch metafísico heideggeriano).

34. *Obsolescência do homem*, tomo I, p. 47.

americana do diagnóstico de obsolescência por motivo de revolução atômica desdobrada em suas conseqüências lógicas, arremata a doutrina nazi da aceleração tecnológica total da sociedade, como lembrado certa vez numa entrevista por Heiner Müller: vistas as coisas por este ângulo, as “minorias”, na medida em que representam pela sua mera existência autônoma uma espécie de areia inercial, são de fato um freio, e como persistem na sua velocidade própria de retardatários, precisam ser eliminados.³⁵ Não se pode apagar as digitais desse argumento na hora da escolha do Japão como alvo.

Para encerrar este breve giro pela matéria bruta da sensibilidade americana da primeira hora atômica, quando por fim relermos as considerações de Günther Anders sobre o *trabalho do zelo* executada pela legião de colaboradores no *burn job* da Bomba, fará sentido lembrar que já em 1946 o psicanalista americano Franz Alexander, tratando da “higiene mental” que a recém nascida Era Atômica estava produzindo nos corações e mentes já então pressionados, tais corações e mentes, por uma inteira sucessão de ondas tecnológicas ao longo da primeira metade do século, depois de observar que num sistema baseado na tautologia da produção pela produção, canalizando o sentido de uma vida para a via de mão única do “*endless work*”, era apenas questão de tempo ver o último ato de um apertador de botões nato, pressionar o botão vermelho “*that will exterminate him*”³⁶.

35. Heiner Müller, *Fautes d'impression* (Paris, L'arche, 1991, p. 189).

36. Cf. Paul Boyer, *op. cit.*, p. 282-3.

Bibliografia

ADORNO, Theodor, “Notas marginais sobre Teoria e Praxis”, in *Palavras e sinais. Modelos críticos II* (trad. Maria Helena Ruschel), Petrópolis: Vozes, 1995.

ALEKSIÉVITCH, Svetlana *Vozes de Tchernóbil: a história oral do desastre nuclear*, São Paulo: Companhia das Letras, trad. Sônia Branco, 2016,

ANDERS, Günther, *Et se je suis désespéré, que voulez-vous que je fasse?*, (tradução francesa de Christophe David), Paris: Ed. Allia, 2016.

ANDERS, Günther, *L’homme sans monde*, trad. Christophe David, Paris, Fariot, 2015.

ANDERS, Günther, *L’obsolescence de l’homme*, v. 1 (trad. Christophe David) Paris, Éditions de l’Encyclopédie des Nuisances, 2002 [1965],

ANDERS, Günther, *Le temps de la fin*, Paris : L’Herne, 2007.

ARENDT, Hannah, *Compreender: formação, exílio e totalitarismo* (trad. Denise Bottmann), São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ARENDT, Hannah, *Vida do espírito*, Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1991.

BENJAMIN, W., *Documentos de cultura, documentos de barbárie*, (escritos selecionados e apresentados por Willi Bolle) São Paulo: Cultrix/Edusp, 1986.

BOYER, Paul, *By the Bomb's Early Light. American Thought and Culture at The Dawn of the Atomic Age*, Chapel Hill/Londres: North Carolina University Press, 1985/1994.

BRAUDEL, Fernand, *Le temps du monde*, Paris : Armand Colin, 1979.

CATALANI, Felipe *Filosofia moral no mundo do pós-guerra. Estudo sobre Adorno*, FFLCH-USP, 2019.

CATALANI, Felipe, “A inocência perdida das forças produtivas: o progresso das armas e as origens da ‘discrepância prometeica’ (Walter Benjamin, Günther Anders)”, São Paulo: *Revista Limmiar*, 2022, v.9, n.12, p. 102-27.

CATALANI, Felipe, *O inimigo do apocalipse. Técnica, política e história em Günther Anders*, (tese de doutorado USP), 2024.

CHAKRABARTY, Dipesh, “The Climate of History: Four Theses”, *Critical Inquiry*, v. 35, n. 2, inverno de 2009.

DANOWSKI, Déborah e VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo, *Há mundo por vir? Ensaio sobre os medos e os fins*, Desterro, Cultura e Barbárie/Instituto Socioambiental, 2014.

DAVID Christophe, “Nous formons une équipe triste: notes sur Günther Anders et Theodor W. Adorno”, *Tumultes*, Paris : Kime, 2007.

DAVID, Christophe, “Fidelité de Günther Anders à l’Antropologie Philosophique: de l’antropologie négative de la fin des années 1920 a l’obsolescence de l’homme”, *L’homme et la société*, 2011-3.

DAVIES, Jeremy, *The Birth of the Anthropocene*, Oakland: California University Press, 2016.

DURAS. Margueritte, *Hiroshima Mon Amour: scénario et dialogue*, Paris: Gallimard, Folio, 1960.

ELI DA VEIGA, José, *O Antropoceno e a Ciência do Sistema Terra*, São Paulo: Editora 34, 2019.

FISHER SOLOMON, J., *Discourse and Reference in the Nuclear Age* (1988), *apud*

NORRIS, Christopher, *Uncritical Theory: Post-Modernism, Intellectuals and the Gulf War*, Amherst: Massachusetts University Press, 1992.

GARCÉS, Marina, *Novo esclarecimento radical* (trad. Viničius Honesko), Belo Horizonte: Âyiné, 2019.

GARSCHAGEN, Donaldson, “Em que tempo vivemos?”, publicada na revista *Serrote* n. 16, 2014, Instituto Moreira Salles.

JUNGH, Robert, *O future já começou*, ed, Melhoramentos, 1962.

KERN, Stephen, *A cultura do tempo e espaço: 1880-1918* (trad. Ana Carolina Mesquita), São Paulo: Quina, 2023.

KURZ, Robert, e “Natureza em ruínas”, *Folha de São Paulo*, 17 de junho de 2001,

KURZ, Robert, “A origem destrutiva do capitalismo”, em *Os últimos combates*, Petrópolis: Vozes, 1997,

KURZ, Robert, “Energias em combustão” *Folha de São Paulo*, 11 de julho de 2004.

KURZ, Robert, *Dinheiro sem valor*: Lisboa, Antígona, 2014.

KURZ, Robert, *O colapso da modernização. Da derrocada do capitalismo de caserna à crise da economia moderada* (trad. Karen Barbos), São Paulo: Paz e Terra, 1992.

LE BRUN, Annie, *O sentimento da catástrofe: entre o real e o imaginário* (trad. Fábio Ferreira de Almeida), São Paulo: Iluminuras, 2016.

LEBRUN, Gerard, “O testamento socrático de Hannah Arendt”, in: *Passeios ao léu*, Rio de Janeiro: Brasiliense, 1983.

LINDQWIST, Sven, *Maintenant tu est mort*, Paris: Le Serpent à Plumes, 1999.

MARCUSE, Herbert, *A grande recusa hoje* (coletânea organizada e traduzida por Isabel Loureiro, em colaboração com Robespierre de Oliveira), Petrópolis: Vozes, 1999.

MENEGAT Marildo, *A guerra não tem paz: estudos sobre o sentido violento e destrutivo do fetichismo do capital*, Rio de Janeiro: Consequência, 2024.

MÜLLER, Heiner, *Fautes d'impression*, Paris : L'arche, 1991.

NANCY, Jean-Luc, *Après Fukushima*, Paris : Galilée, 2012.

NEGT, Oskar e KLUGE, Alexander, *O que há de político na política* (trad. João Azenha Júnior, São Paulo, Unesp, 1999).

PERROT, Laurent, “Günther Anders à l'école de la Phénoménologie”, in *Tumultes*, n. 28-9, out. 2007, Paris : Ed. Kime.

RANCIÈRE, Jacques, “Em que tempo vivemos?”, São Paulo: Revista *Serrote* n. 16, 2014, Instituto Moreira Salles.

RANCIÈRE, Jacques, *En quel temps vivons-nous?* Paris: La Fabrique, 2017.

REES, Martin, *Our Final Hour*, Nova York: Basic Books, 2003.

REIMAN, Werner, “La trace de l'anthropologie”, *Tumultes* n.28-29, out. de 2007, Paris : Kime.

RISSEL, Renée e SEMPRUN, Jaime, *Catostrophisme, administration du désastre et soumission durable*, Paris: Éditions de L'Encyclopédie de Nuisances, 2018.

RODRIGUES ALENCAR, Claudia, *Vivendo na prorrogação. O tempo do fim de Günther Anders* (PUC-RJ, 2016).

RORTY, Richard, “The Overphilosophication of Politics”, *Constellations*, v. 7, n. 1, 2000.

SARTRE, J.-P., “Une idée fondamentale de la phénoménologie de Husserl: l’intentionnalité”, jan. 1939, in: *Situation I*, Paris: Gallimard, 1973.

SMITH, P. D., *Os homens do fim do mundo: o verdadeiro Dr. Fantástico e o sonho da arma total* (trad. José Viegas Filho), São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

VAN MÜNSTER, Rens e SYLVESTER, Casper, *Nuclear Realism: Global Political Thought During the Thermonuclear Revolution*, Londres/Nova York: Routledge, 2016.

WERNECK DE CASTRO, Moacir, *Europa 1935*, Rio de Janeiro: Record, 2000.



Este livro foi composto
nas fontes Literata e Work Sans
em abril de 2026.